

Gnose

A GRANDE REBELIÃO



SAMAEL AUN WEOR

A VIDA

Ainda que pareça incrível, é muito certo e de toda verdade que esta tão cacarejada civilização moderna é espantosamente feia; não reúne as características transcendentais do sentido estético; está desprovida de beleza interior.

É muito o que presumimos com estes horripilantes edifícios de sempre, que parecem verdadeiras ratoeiras.

O mundo tornou-se tremendamente aborrecedor; as mesmas ruas de sempre e as moradias horripilantes por onde quer que se vá.

Tudo isto se tornou cansativo, no Norte e no Sul, no Leste e no Oeste do mundo.

É o mesmo uniforme de sempre: horripilante, nauseante, estéril. Modernismo! – Exclamam as multidões.

Parecemos verdadeiros pavões vaidosos com o traje que carregamos e com os sapatos muito brilhantes, ainda que por aqui, por ali e acolá circulem milhões de infelizes famintos, desnutridos, miseráveis.

A simplicidade e a beleza natural, espontânea, ingênua, desprovida de artifícios e pinturas vaidosas, desapareceu no sexo feminino. Agora somos modernos! Assim é a vida.

As pessoas tornaram-se espantosamente cruéis. A caridade “resfriou”. Já ninguém se apieda de ninguém.

As vitrines, ou mostruários, das luxuosas lojas resplandecem com luxuosas mercadorias que, definitivamente estão fora do alcance dos infelizes.

O único que podem fazer os párias da vida é contemplar sedas e jóias, perfumes em luxuosos frascos e sombrinhas. Ver sem poder tocar, suplício semelhante ao de Tântalo.

As pessoas destes tempos modernos tornaram-se demasiado grosseiras. O perfume da amizade e a fragrância da sinceridade desapareceram radicalmente.

Gemem as multidões sobrecarregadas de impostos. Todo mundo está com problemas; nos devem e devemos; nos ajuízam e não temos com que pagar; as preocupações despedaçam cérebros; ninguém vive tranquilo.

Os burocratas, com a curva da felicidade em seus ventres e um bom charuto na boca. No que psicologicamente se apóiam, brincam de malabarismo político com a mente, sem lhes importar um pouquinho a dor dos povos.

Ninguém é feliz por estes tempos, e, menos ainda, a classe média; esta se encontra entre a espada e a parede.

Ricos e pobres, crentes e descrentes, comerciantes e mendigos, sapateiros e funileiros, vivem porque têm que viver; afogam no vinho suas torturas até se convertem em drogados para escapar de si mesmos.

As pessoas tornaram-se maliciosas, receosas, desconfiadas, astutas, perversas. Já ninguém acredita em ninguém. Inventam-se, diariamente, novas condições, certificados, restrições de todo gênero, documentos, credenciais, etc.; de todas as maneiras, já nada disso serve. Os astutos zombam de todas estas tolices; não pagam, esquivam-se da lei, ainda que lhes toque ir, com seus ossos, ao cárcere.

Nenhum emprego dá felicidade. O sentido do verdadeiro amor perdeu-se e as pessoas se casam hoje e se divorciam amanhã.

A unidade dos lares se perdeu lamentavelmente. A vergonha orgânica já não existe. O lesbianismo e o homossexualismo tornaram-se mais comuns que lavar as mãos.

Saber algo sobre tudo isto, tratar de conhecer a causa de tanta podridão, inquirir, buscar, é, certamente, o que nos propormos neste livro.

Estou falando na linguagem da vida prática; desejoso de saber o que é que se esconde atrás dessa máscara horripilante da existência.

Estou pensando em voz alta e que digam os velhacos do intelecto o que lhes venha na gana.

As teorias já se tornaram cansativas e até se vendem e revendem no mercado... Então, o que?

As teorias só servem para nos ocasionar preocupações e amargurar-nos mais a Vida.

Com justa razão disse GOETHE: “Toda teoria é cinza e só é verde a árvore de dourados frutos que é a VIDA”...

Já as pobres pessoas se cansaram com tantas teorias. Agora se fala muito sobre praticismo. Necessitamos ser práticos e conhecer, realmente, as causas dos nossos sofrimentos.

A CRUA REALIDADE DOS FATOS

Em breve, milhões de habitantes da África, Ásia e América Latina podem morrer de fome.

O gás que lançam os “Sprays” pode acabar radicalmente com o ozônio da atmosfera terrestre.

Alguns especialistas prognosticam que para o ano dois mil se esgotará o subsolo de nosso globo terráqueo.

As espécies marítimas estão morrendo devido à contaminação dos mares. Isto já está demonstrado.

Inquestionavelmente, à medida que vamos para o final deste século, todos os habitantes das grandes cidades deverão usar máscaras de oxigênio para defender-se da fumaça.

Continuando a contaminação em sua forma alarmante atual, em pouco tempo já não será possível comer peixes; estes últimos, vivendo em águas assim, totalmente contaminadas, serão perigosos para a saúde.

Antes do ano dois mil, será quase impossível encontrar uma praia onde alguém possa banhar-se com água pura.

Devido ao desmedido consumo e exploração do solo e do subsolo, logo as terras já não poderão produzir os alimentos agrícolas necessários para a alimentação das pessoas.

O “animal intelectual”, equivocadamente chamado homem, ao contaminar os mares com tanta imundície, envenenar o ar com a fumaça de seus carros e de suas fábricas e destruir a terra com suas explosões atômicas subterrâneas e abuso de elementos prejudiciais para a crosta terrestre, é claro que submeteu o planeta Terra a uma longa e espantosa agonia que, indubitavelmente, haverá de concluir com uma grande catástrofe.

Difícilmente o mundo poderá cruzar o umbral do ano dois mil, já que o “animal intelectual”, está destruindo o ambiente natural a mil por hora.

O “mamífero racional”, equivocadamente chamado homem, está empenhado em destruir a terra. Quer fazê-la inabitável e é óbvio que o está conseguindo.

Quanto ao que se refere aos mares, é ostensível que estes foram convertidos, por todas as nações, numa espécie de grande lixeira.

Setenta por cento de todo o lixo do mundo está indo para cada um dos mares.

Enormes quantidades de petróleo, inseticidas de toda a classe, múltiplas substâncias químicas, gases venenosos, gases neurotóxicos, detergentes, etc., estão aniquilando todas as espécies viventes do oceano.

As aves marítimas e o plâncton, tão indispensável para a vida, estão sendo destruídos.

Inquestionavelmente, a aniquilação do plâncton marinho é de uma gravidade incalculável, porque este microrganismo produz setenta por cento do oxigênio terrestre.

Mediante a investigação científica se pôde verificar que já certas partes do Atlântico e do Pacífico se encontram contaminados com resíduos radioativos, produto das explosões atômicas.

Em distintas metrópoles do mundo e muito especialmente na Europa, a água doce é bebida, é eliminada, é depurada e logo é bebida novamente.

Nas grandes cidades “super civilizadas”, a água que se serve às mesas, passa pelos organismos humanos muitas vezes.

Um de cada três casos de enfermidade no mundo é devido, precisamente, à água contaminada.

Na cidade de Cúcuta, fronteira com a Venezuela, república da Colômbia, América do Sul, os habitantes se vêem obrigados a beber as águas negras e inundadas do rio que carrega com todas as porcarias que vêm de Pamplona.

Quero referir-me, de forma enfática, ao rio Pamplonita que tão nefasto tem sido para a “Pérola do Norte” (Cúcuta).

Afortunadamente existe, agora, mais outro aqueduto que abastece a cidade, sem que, por isso, se tenha deixado de beber das águas negras do rio Pamplonita.

Enormes filtros, gigantescas máquinas, substâncias químicas tratam de purificar as águas negras das grandes cidades da Europa; mas, as epidemias continuam propagando-se com essas águas imundas que tantas vezes passaram pelos organismos humanos.

Os famosos bacteriólogos encontraram na água potável das grandes capitais, toda classe de vírus, colibacilos, patógenos, bactérias de tuberculoso, tifo, varíola, larvas, etc.

Ainda que pareça incrível, dentro dos mesmos tanques de potabilizadores de água de países europeus, têm-se encontrado o vírus da vacina da poliomielite.

Além disso, o desperdício de água é espantoso. Cientistas modernos afirmam que, para o ano de 1990, o “humanóide racional” morrerá de sede.

O pior de tudo isto é que as reservas subterrâneas de água doce se encontram em perigo devido aos abusos do “animal intelectual”

A exploração sem misericórdia dos poços de petróleo continua sendo fatal. O petróleo que se extrai do interior da Terra atravessa as águas subterrâneas e as contamina.

Como seqüência disto, o petróleo tornou impotáveis as águas subterrâneas da terra durante mais de um século.

Obviamente, como resultado de tudo isto, morrem os vegetais e, até, multidões de pessoas.

Falemos agora, um pouco, sobre o ar que tão indispensável é para a vida das criaturas...

Com cada aspiração ou inalação, os pulmões tomam meio litro de ar, ou seja, uns doze metros cúbicos ao dia. Multiplique-se dita quantidade pelos quatro bilhões e quinhentos milhões de habitantes que possui a Terra e, então, teremos a quantidade exata de oxigênio que diariamente é consumida pela humanidade inteira, sem contar com o que consomem todas as outras criaturas animais que povoam a face da Terra.

A totalidade do oxigênio que inalamos encontra-se na atmosfera e se deve ao plâncton que agora estamos destruindo com a contaminação e, também, à atividade fotossintética dos vegetais. Desgraçadamente, as reservas de oxigênio já se estão esgotando.

O “mamífero racional”, equivocadamente chamado homem, mediante suas inumeráveis indústrias, está diminuindo, de forma contínua, a quantidade de radiação solar, tão necessária e indispensável para a fotossíntese; e é por isto que a quantidade de oxigênio que produzem atualmente as plantas, é agora muitíssimo menor que no século passado.

O mais grave de toda esta tragédia mundial é que o “animal intelectual” continua contaminando os mares, destruindo o plâncton e acabando com a vegetação.

O “animal intelectual” prossegue destruindo, lamentavelmente, suas fontes de oxigênio.

O “smog” não só está aniquilando as reservas de oxigênio, senão, também, está matando as pessoas.

O “smog” que o “humanóide racional” está constantemente expulsando para o ar, além de matar, põe em perigo a vida do planeta Terra.

O “smog” origina estranhas e perigosas enfermidades impossíveis de curar, isto já está demonstrado.

O “smog” impede a entrada da luz solar e dos raios ultravioletas, originando, com isto, graves desordens na atmosfera.

Vem uma era de alterações climáticas, glaciações, avanço dos gelos polares para o equador, ciclones espantosos, terremotos, etc.

Devido, não ao uso, e, sim, ao abuso da energia elétrica, no ano dois mil haverá mais calor em algumas regiões do planeta Terra e isto coadjuvará no processo da revolução dos eixos da Terra.

Já logo os pólos ficarão transformados no equador da Terra e este último converter-se-á em pólos.

Degelos dos pólos começaram e um novo Dilúvio Universal, precedido pelo fogo, se avizinha.

Nos próximos decênios multiplicar-se-á o dióxido de carbono; então, este elemento químico formará uma grossa capa na atmosfera da Terra.

Tal filtro, ou capa, absorverá lamentavelmente a radiação térmica e atuará como um invernação de fatalidades.

O clima da Terra se fará mais quente em muitos lugares e o calor fará fundir o gelo dos pólos, subindo, por tal motivo, o nível dos oceanos escandalosamente.

A situação é gravíssima! O solo fértil está desaparecendo e diariamente nascem duzentas mil pessoas que necessitam de alimento.

A catástrofe mundial da fome que se avizinha será certamente pavorosa. Isto já está às portas.

Atualmente estão morrendo quarenta milhões de pessoas, anualmente, pela fome, por falta de comida.

A criminosa industrialização dos bosques e a exploração desapiada de minas e petróleo estão deixando a terra convertida num deserto.

Se é bem certo que a energia nuclear é mortal para a humanidade, não é menos certo que atualmente existem também “raios de morte”, “bombas microbianas” e muitos outros elementos destrutivos, terrivelmente malignos, inventados pelos cientistas.

Inquestionavelmente, para conseguir a energia nuclear se requer de grandes quantidades de calor, difíceis de controlar e que a qualquer momento podem originar uma catástrofe.

Para conseguir a energia nuclear se requer de enormes quantidades de minerais radiativos, dos quais só se aproveita uns trinta por cento; isto faz com que o subsolo terráqueo se esgote rapidamente.

Os desperdícios atômicos que ficam no subsolo tornam-se espantosamente perigosos. Não existe lugar seguro para os desperdícios atômicos.

Se o gás de uma lixeira atômica chegasse a escapar, ainda que só fosse uma mínima porção, morreriam milhares de pessoas.

A contaminação de alimentos e águas traz alterações genéticas e monstros humanos; criaturas que nascem deformadas e monstruosas.

Antes do ano de 1999, haverá um grave acidente nuclear que causará verdadeiro espanto.

Certamente a humanidade não sabe viver, degenerou-se espantosamente e, francamente, precipitou-se ao abismo.

O mais grave de toda esta questão é que os fatores de tal desolação os quais são fome, guerras, destruição do planeta em que vivemos etc., estão dentro de nós mesmos; carregamo-los em nosso interior, em nossa psique.

A FELICIDADE

As pessoas trabalham diariamente, lutam por sobreviver; querem existir de alguma maneira; mas, não são felizes.

Isso da Felicidade está em chinês, como se diz por aí. O mais grave é que as pessoas o sabem; porém, no meio de tantas amarguras, parece que não perdem as esperanças de lograr a dita algum dia, sem saber como, nem de que maneira.

Pobres pessoas! Quanto sofrem! E, no entanto, querem viver, temem perder a vida.

Se as pessoas entendessem algo sobre Psicologia Revolucionária, possivelmente, até, pensariam diferente; mas, em verdade, nada sabem. Querem sobreviver no meio de sua desgraça e isso é tudo.

Existem momentos prazerosos, muito agradáveis; porém, isso não é Felicidade. as pessoas confundem o prazer com a Felicidade.

Folia, farra, bebedeira, orgia, é prazer bestial, mas não é Felicidade. No entanto, há festinhas sãs, sem bebedeiras, sem bestialidades, sem álcool, etc., porém, isso tampouco é Felicidade...

És pessoa amável? Como se sentes quando danças? Estás enamorado? Amas de verdade? Que tal se sentes dançando com o ser que adoras? Permitam que me torne um pouco cruel, nestes momentos, ao dizer-vos que isto tampouco é Felicidade.

Se já estás velho, se não te atraem estes prazeres, se te sabem a barata, desculpa-me se te digo que seria diferente se fosses jovem e cheio de ilusões.

De todas as maneiras, diga-se o que se diga; bailes ou não bailes; namores ou não namores; tenhas ou não isso que se chama dinheiro, tu não és feliz, ainda que penses o contrário.

Nós passamos a vida buscando a Felicidade por todas as partes e morremos sem havê-la encontrado.

Na América Latina são muitos os que têm esperanças de tirar, algum dia, o grande prêmio da loteria; creem que, assim, vão conseguir a Felicidade; alguns até, de verdade, o tiram; mas, nem por isso conseguem a tão ansiada Felicidade.

Quando somos jovens sonhamos com a mulher ideal, alguma princesa das “Mil e Uma Noites”, algo extraordinário. Vem, depois, a crua realidade dos fatos: mulher, filhos pequenos para manter, difíceis problemas econômicos, etc.

Não há dúvida de que à medida que os filhos crescem, os problemas também crescem e até se tornam impossíveis.

Conforme o menino ou a menina vão crescendo, os sapatinhos vão sendo cada vez maiores e o preço maior, isso é claro.

Conforme as crianças crescem, a roupa vai custando cada vez mais e mais cara. Havendo dinheiro não há problemas nisto; mas, se não há, a coisa é grave e se sofre horrivelmente...

Tudo isso seria mais ou menos tolerável, se se tivesse uma boa mulher; mas quando o pobre homem é traído, quando “lhe põe cornos”, de que lhe serve, então, lutar, por aí, para conseguir dinheiro?

Desgraçadamente!... Existem casos extraordinários, mulheres maravilhosas, companheiras de verdade, tanto na opulência quanto na desgraça, mas, para cúmulo dos cúmulos, então, o homem não sabe apreciá-la e até a abandona por outras mulheres que lhe vão amargar a vida.

Muitas são as donzelas que sonham com um “príncipe azul”. Desafortunadamente, as coisas resultam muito diferentes e, no terreno dos fatos, casa-se a pobre mulher com um verdugo...

A maior ilusão de uma mulher é chegar a ter um formoso lar e ser mãe. Santa predestinação! No entanto, ainda que o homem lhe resulte muito bom, coisa por certo muito difícil, por fim, tudo passa. Os filhos e as filhas se casam, vão-se e são ingratos com seus pais e o lar conclui-se definitivamente.

Conclusão: Neste mundo cruel em que vivemos, não existe gente feliz!... Todos os pobres seres humanos são infelizes.

Na vida conhecemos muitos “burros” carregados de dinheiro, cheios de problemas, pleitos de toda espécie, sobrecarregados de impostos, etc. Não são felizes...

De que serve ser rico se não se goza de boa saúde? Se não se tem verdadeiro amor?

De que serve ser rico se não se goza de boa saúde? Pobres ricos! Às vezes são mais desgraçados que qualquer mendigo.

Tudo passa nesta vida! Passam as coisas, as pessoas, as ideias, etc. Os que têm dinheiro passam e os que não o têm, também passam; e ninguém conhece a autêntica Felicidade.

Muitos querem escapar de si mesmos por meio das drogas ou do álcool; mas, em verdade, não só não conseguem tal escape, senão, o que é pior, ficam presos dentro do inferno do vício.

Os amigos do álcool ou da marijuana ou do LSD, etc., desaparecem como por encanto, quando o viciado resolve mudar de vida.

Fugindo do “mim mesmo”, do “eu mesmo”, não se logra a Felicidade. Interessante seria agarrar o “touro pelos chifres”. Observar o “eu”, estudá-lo com o propósito de descobrir as causas da dor.

Quando descobrimos as causas verdadeiras de tantas misérias e amarguras, é óbvio que algo pode acontecer...

Se se consegue acabar com o “mim mesmo”, com “minhas bebedeiras”, com “meus vícios”, com “meus afetos” que tanta dor me causam no coração, com minhas preocupações que me destroem o cérebro e me enfermam, etc., etc., etc., é claro que, então, advém isso que não é do tempo; isso que está mais além do corpo, dos afetos e da mente; isso que realmente é desconhecido para o entendimento e que se chama Felicidade!

Inquestionavelmente, enquanto a consciência continua engarrafada, embutida no “mim mesmo”, no “eu mesmo”, de nenhuma maneira se poderá conhecer a legítima Felicidade.

A FELICIDADE tem um sabor que o “eu mesmo”, o “mim mesmo” nunca jamais conheceu.

A LIBERDADE

O sentimento da Liberdade é algo que ainda não foi entendido pela humanidade.

Sobre o conceito Liberdade, apresentado sempre de forma mais ou menos equivocada, cometeram-se gravíssimos erros.

Certamente se luta por uma palavra; tiram-se deduções absurdas; cometem-se atropelos de toda espécie e se derrama sangue nos campos de batalha.

A palavra Liberdade é fascinante, a todo mundo agrada. No entanto, não se tem verdadeira compreensão sobre a mesma. Existe confusão com relação a esta palavra.

Não é possível encontrar uma dezena de pessoas que defina a palavra Liberdade da mesma forma e do mesmo modo.

O termo Liberdade de modo algum seria compreensível para o racionalismo subjetivo.

Cada qual tem, sobre este termo, ideias diferentes, opiniões subjetivas das pessoas desprovidas de toda realidade objetiva.

Ao se propor a questão Liberdade, existe incoerência, indefinição, incongruência em cada mente.

Estou seguro de que nem sequer Emmanuel Kant, o autor da “Crítica da Razão Pura” e da “Crítica da Razão Prática”, jamais analisou esta palavra para dar-lhe o sentido exato.

Liberdade, formosa palavra, belo termo! Quantos crimes se cometeram em seu nome!

Inquestionavelmente, o termo Liberdade hipnotizou as multidões. As montanhas e os vales, os rios e os mares tingiram-se com sangue ao conjuro desta mágica palavra.

Quantas bandeiras, quanto sangue e quantos heróis sucederam-se no curso da história, cada vez que sobre o tapete da vida se colocou a questão da Liberdade.

Desafortunadamente, depois de toda independência, a tão alto preço conseguida, continua dentro de cada pessoa a escravidão.

Quem é livre? Quem conseguiu a famosa Liberdade? Quantos se emanciparam? Ai! Ai!
Ai!

O adolescente anela Liberdade. Parece incrível que, muitas vezes tendo pão, agasalho e refúgio, queira fugir da casa paterna em busca da Liberdade.

Torna-se incongruente que o juvenzinho que tem tudo em casa queira evadir-se, fugir, distanciar-se de sua morada, fascinado pelo termo Liberdade. É estranho que, gozando de toda

classe de comodidades no lar ditoso, queira perder o que tem para viajar por estas terras do mundo e mergulhar na dor.

Que o desventurado, o paria da vida, o mendigo, anele de verdade distanciar-se do casebre, da choça, com o propósito de obter alguma mudança melhor, é correto; porém, que o jovem de bens, o neném da mamãe, busque escapatória, fugir, torna-se incongruente e até absurdo. Entretanto isto é assim; a palavra Liberdade fascina, enfeitiça, ainda que ninguém saiba defini-la de forma precisa.

Que a donzela queira Liberdade, que anele mudar de casa, que deseje casar-se para escapar do lar paterno e viver uma vida melhor, resuta, em parte, lógico, porque ela tem direito de ser mãe. No entanto, já em vida de esposa, dá-se conta que não é livre e, com resignação, há de seguir carregando as cadeias da escravidão.

O empregado, cansado de tantos regulamentos, quer ver-se livre e, se consegue independentizar-se, encontra-se com o problema de que continua sendo escravo de seus próprios interesses e preocupações.

Certamente, cada vez que se luta pela Liberdade, encontramos-nos defraudados apesar das vitórias.

Tanto sangue derramado inutilmente em nome da Liberdade e, no entanto, continuamos sendo escravos de nós mesmos e dos demais.

As pessoas pelejam por palavras que nunca entendem, ainda que os dicionários as expliquem gramaticalmente.

A Liberdade é algo que temos que conseguir dentro de nós mesmos. Ninguém pode consegui-la fora de si mesmo.

“Cavalgar pelo ar” é uma frase muito oriental que alegoriza o sentido da genuína Liberdade.

Ninguém poderia, na realidade, experimentar a Liberdade, enquanto sua Consciência continue engarrafada no mim mesmo, no si mesmo.

Compreender este eu mesmo, minha pessoa, o que eu sou, é urgente, quando se quer muito sinceramente conseguir a Liberdade.

De modo algum poderíamos destruir os grilhões da escravidão, sem haver compreendido, previamente, toda esta minha questão, tudo isto que corresponde ao eu, ao mim mesmo.

Em que consiste a escravidão? O que é isto que nos mantém escravos? Quais são estas travas? Tudo isto é o que necessitamos descobrir.

Ricos e pobres, crentes e descrentes, estão todos formalmente presos, ainda que se considerem livres.

Enquanto a Consciência, a Essência, o mais digno e decente que temos em nosso interior, continue engarrafada no mim mesmo, no eu mesmo, em minhas apetências e temores,

em meus desejos e paixões, em minhas preocupações e violências, em meus defeitos psicológicos, estar-se-á em formal prisão.

O sentido de Liberdade só pode ser compreendido integralmente, quando forem aniquilados os grilhões de nosso próprio cárcere psicológico.

Enquanto o eu mesmo exista, a Consciência estará em prisão. Evadir-se do cárcere só é possível mediante a aniquilação budista, dissolvendo o eu, reduzindo-o a cinzas, a poeira cósmica.

A Consciência livre, desprovida do eu, em ausência absoluta do mim mesmo, sem desejos, sem paixões, sem apetências, nem temores experimenta de forma direta a verdadeira Liberdade.

Qualquer conceito sobre Liberdade, não é Liberdade. As opiniões que formemos sobre a Liberdade distam muito de serem a realidade. As ideias que forjemos sobre o tema Liberdade, nada têm a ver com a autêntica Liberdade.

A Liberdade é algo que temos que experimentar de forma direta e isto só é possível morrendo psicologicamente, dissolvendo o eu, acabando para sempre com o mim mesmo.

De nada serviria continuar sonhando com a Liberdade, se de todas as maneiras prosseguimos como escravos.

Mais vale ver-nos a nós mesmos tal qual somos, observar, cuidadosamente, todas estas grilhetas da escravidão que nos mantém em formal prisão.

Autoconhecendo-nos, vendo o que somos interiormente, descobriremos a porta da autêntica LIBERDADE.

A LEI DO PÊNDULO

Torna-se interessante ter um relógio de parede em casa, não só para saber as horas, senão também para reflexionar um pouco.

Sem o pêndulo o relógio não funciona. O movimento do pêndulo é profundamente significativo

Nos tempos antigos, o dogma da evolução não existia; então os sábios entendiam que os processos históricos se desenvolvem sempre de acordo com a Lei do Pêndulo.

Tudo flui e reflui, sobe e desce, cresce e decresce, vai e vem de acordo com esta lei maravilhosa.

Nada tem de estranho que tudo oscile, que tudo esteja submetido ao vai e vem do tempo, que tudo evolucione e involucione.

Num extremo do pêndulo está a alegria, no outro, a dor. Todas as nossas emoções, pensamentos, anelos, desejos oscilam com a Lei do Pêndulo.

Esperança e desespero; pessimismo e otimismo; paixão e dor; triunfo e fracasso; lucro e perda correspondem certamente aos dois extremos do movimento pendular.

Surgiu o Egito com todo seu poderio e senhorio às margens do rio sagrado; mas, quando o pêndulo foi para o outro lado, quando se levantou pelo extremo oposto, caiu o país dos faraós e se levantou Jerusalém, a cidade querida dos profetas.

Quando o pêndulo mudou de posição caiu Israel e surgiu, no outro extremo, o Império Romano.

O movimento pendular levanta e derruba impérios; faz surgir poderosas civilizações e logo as destrói etc.

Podemos colocar no extremo direito do pêndulo as diversas escolas pseudo-esotéricas e pseudo-ocultistas, religiões e seitas.

Podemos colocar no extremo esquerdo do movimento pendular todas as escolas materialistas, marxistas, ateístas, cépticas etc. Antíteses do movimento pendular, mutantes, sujeitas à permutação incessante.

O fanático religioso, devido a qualquer acontecimento insólito ou decepção, pode ir ao outro extremo do pêndulo, converter-se em ateísta, materialista, céptico.

O fanático materialista ateísta, devido a qualquer fato inusitado, talvez um acontecimento metafísico transcendental, um momento de terror indizível, pode ser levado ao extremo oposto do movimento pendular e converter-se num reacionário religioso insuportável.

Exemplos: um sacerdote, vencido numa polêmica por um esoterista, desesperado, tornou-se incrédulo e materialista.

Conhecemos o caso de uma dama ateísta, materialista e incrédula que, devido a um fato metafísico concludente e definitivo, converteu-se numa expoente magnífica do esoterismo prático.

Em nome da verdade devemos declarar que o ateísta materialista, verdadeiro e absoluto, é uma farsa, não existe.

Ante a proximidade de uma morte inevitável, ante um instante de terror indizível, os inimigos do Eterno, os materialistas e incrédulos passam instantaneamente ao outro extremo do pêndulo e acabam orando, chorando e clamando com fé infinita e enorme devoção.

O mesmo Karl Marx, autor do Materialismo Dialético, foi um fanático religioso judeu; e, depois de sua morte, renderam-lhe honras fúnebres de grande rabino.

Karl Marx elaborou sua Dialética Materialista com um só propósito: "CRIAR UMA ARMA PARA DESTRUIR TODAS AS RELIGIÕES DO MUNDO POR MEIO DO CETICISMO."

É um caso típico dos ciúmes religiosos levados ao extremo. De modo algum Marx poderia aceitar a existência de outras religiões e preferiu destruí-las mediante sua Dialética.

Karl Marx cumpriu com um dos protocolos de Sion que diz textualmente "Não importa que enchamos o mundo de materialismo e de repugnante ateísmo; no dia em que triunfamos, ensinaremos a religião de Moisés, devidamente codificada e em forma dialética, e não permitiremos nenhuma outra religião no mundo."

É muito interessante que na União Soviética as religiões sejam perseguidas e ao povo se ensine dialética materialista, enquanto nas sinagogas se estuda o Talmud, a Bíblia e a religião, e trabalham livremente, sem problema algum.

Os amos do governo russo são fanáticos religiosos da lei de Moisés; mas eles envenenam o povo com essa farsa do Materialismo Dialético.

Jamais nos pronunciaríamos contra o povo de Israel; só estamos nos declarando contra certa elite de jogo duplo que, perseguindo fins inconfessáveis, envenena o povo com a Dialética Materialista, enquanto pratica, em segredo, a religião de Moisés.

Materialismo e espiritualismo, com toda sua sequela de teorias, dogmas e preconceitos de toda espécie, processam-se na mente de acordo com a Lei do Pêndulo e mudam de moda de acordo com os tempos e os costumes.

Espírito e matéria são dois conceitos muito discutíveis e espinhosos que ninguém entende.

A mente nada sabe sobre o espírito, nada sabe sobre a matéria.

Um conceito não é mais que isso: um conceito. A realidade não é um conceito, ainda que a mente possa forjar muitos conceitos sobre a realidade.

O espírito é o espírito (o Ser) e só a si mesmo pode conhecer. Escrito está: "O SER É O SER E A RAZÃO DE SER DO SER É O MESMO SER."

Os fanáticos do deus matéria, os cientistas do Materialismo Dialético são empíricos e absurdos em cem por cento. Falam sobre matéria com uma autossuficiência deslumbrante e estúpida, quando, realmente nada sabem sobre a mesma.

Que é matéria? Qual destes tontos cientistas o sabe? A tão cacarejada matéria é também um conceito demasiado discutível e bastante espinhoso.

Qual é a matéria? O algodão? O ferro? A carne? O amido? Uma pedra? O cobre? Uma nuvem ou o que? Dizer que tudo isto é matéria seria tão empírico e absurdo como assegurar que todo o organismo humano é um fígado, um coração ou um rim. Obviamente, uma coisa é uma coisa e outra coisa, outra coisa; cada órgão é diferente e cada substância é distinta. Então, qual de todas estas substâncias é a tão cacarejada matéria?

Muita gente joga com os conceitos do pêndulo; porém, em realidade, os conceitos não são a realidade.

A mente só conhece formas ilusórias da natureza, porém nada sabe sobre a Verdade contida em tais formas.

As teorias passam de moda com o tempo e com os anos e o que aprendemos na escola depois já não serve. Conclusão: ninguém sabe nada.

Os conceitos da extrema direita ou da extrema esquerda do pêndulo, passam como a moda das mulheres; todos esses são processos da mente; coisas que sucedem na superfície do entendimento; tolices, vaidades do intelecto.

A qualquer disciplina psicológica opõe-se outra disciplina; a qualquer processo psicológico logicamente estruturado opõe-se outro semelhante, e depois de tudo, o que?

O que nos interessa é o Real, a Verdade; mas isto não é questão do pêndulo, não se encontra entre o vai e vem das teorias e crenças.

A Verdade é o desconhecido de instante a instante, de momento a momento.

A Verdade está no centro do pêndulo, não na extrema direita, nem, tampouco, na extrema esquerda.

Quando perguntaram a Jesus: "Que é a Verdade?" Guardou profundo silêncio. E, quando ao Buda fizeram a mesma pergunta, deu as costas e se retirou.

A Verdade não é questão de opiniões, nem de teorias, nem sequer de preconceitos de extrema direita ou de extrema esquerda.

O conceito que a mente possa forjar sobre verdade, jamais é a Verdade.

A idéia que o entendimento tenha sobre a verdade, nunca é a Verdade.

A opinião que tenhamos sobre a verdade, por muito respeitável que seja, de modo algum é a Verdade.

Nem as correntes espiritualistas, nem suas oponentes materialistas, podem jamais conduzir-nos à Verdade.

A Verdade é algo que deve ser experimentado em forma direta, como quando colocamos o dedo no fogo e nos queimamos, ou como quando engolimos água e nos afogamos.

O centro do pêndulo está dentro de nós mesmos e é ali onde devemos descobrir e experimentar em forma direta, o Real, a Verdade.

Necessitamos auto-explorar-nos diretamente para autodescobrir-nos e conhecermos profundamente a nós mesmos.

A experiência da Verdade só advém quando eliminamos os elementos indesejáveis que em seu conjunto constituem o mim mesmo.

Só eliminando o erro, advém a Verdade. Só desintegrando o eu mesmo, meus erros, meus preconceitos e temores, minhas paixões e desejos, crenças e fornicções, encastelamentos intelectuais e autossuficiências de toda espécie, advém a nós a experiência do real.

A Verdade nada tem a Ver com o que se tenha dito ou deixado de dizer; com o que se tenha escrito ou deixado de escrever; ela somente advém a nós quando o mim mesmo morreu.

A mente não pode buscar a Verdade, porque não a conhece. A mente não pode reconhecer a Verdade, porque jamais a conheceu. A Verdade advém a nós de forma espontânea, quando eliminamos todos os elementos indesejáveis que constituem o mim mesmo, o eu mesmo.

Enquanto a Consciência continue engarrafada entre o eu mesmo, não poderá experimentar isso que é o Real, isso que não é do tempo, isso que está mais além do corpo, dos afetos e da mente, isso que é a Verdade.

Quando o mim mesmo fica reduzido a poeira cósmica, a Consciência se libera para despertar definitivamente e experimentar, de forma direta, a Verdade.

Com justa razão disse o Grande Kabir Jesus: "CONHECEI A VERDADE E ELA VOS FARÁ LIVRES."

De que serve ao homem conhecer cinquenta mil teorias se jamais experimentou a Verdade?

O sistema intelectual de qualquer homem é muito respeitável; mas, a qualquer sistema se opõe outro e nem um, nem outro é a Verdade.

Mais vale auto-explorar-nos para autoconhecer-nos e chegar a experimentar, um dia, em forma direta, o Real, a Verdade.

CONCEITO E REALIDADE

Quem ou o quê pode garantir que conceito e realidade são absolutamente iguais?

O conceito é uma coisa e a realidade é outra e existe a tendência a superestimar nossos próprios conceitos.

Realidade igual a conceito é algo quase impossível; no entanto, a mente, hipnotizada por seu próprio conceito, supõe sempre que este e realidade são iguais.

A um processo psicológico qualquer, corretamente estruturado mediante uma lógica exata, opõe-se outro diferente, rigidamente formado com lógica similar ou superior; então o que?

Duas mentes, severamente disciplinadas dentro de férreas estruturas intelectuais, discutindo entre si, polemizando sobre tal ou qual realidade, creem, cada uma, na exatidão de seu próprio conceito e na falsidade do conceito alheio; mas, qual delas tem a razão? Quem poderia, honestamente, inclinar-se por um ou outro dos polemizadores? Como poderíamos, honestamente, ser fiadores em um ou outro caso? Em qual deles, conceito e realidade são iguais?

Indiscutivelmente, cada cabeça é um mundo e em todos e em cada um de nós existe uma espécie de dogmatismo pontifício e ditatorial que quer nos fazer crer na igualdade absoluta de conceito e realidade.

Por muito fortes que sejam as estruturas de um raciocínio, nada pode garantir a igualdade absoluta de conceito e realidade.

Sem dúvida, a mente fascinada sempre supõe que qualquer conceito emitido seja sempre igual à realidade.

Aqueles que estão auto-encerrados dentro de qualquer procedimento lógico intelectual, querem sempre fazer coincidir a realidade dos fenômenos com os conceitos elaborados e isto não é mais que o resultado da alucinação raciocinativa.

Abrir-se ao novo é a difícil facilidade do clássico. Infelizmente, as pessoas querem descobrir, ver em todo fenômeno natural seus próprios dogmas/prejulgamentos, conceitos, preconceitos, opiniões e teorias, ninguém sabe ser receptivo, ver o novo com mente limpa e espontânea.

Que os fenômenos falassem ao sábio seria o indicado. Desafortunadamente, os sábios desses tempos não sabem escutar, não sabem ver os fenômenos, só querem ver nos mesmos a confirmação de todos os seus preconceitos.

Ainda que pareça incrível, os cientistas modernos nada sabem sobre os fenômenos naturais.

Quando vemos nos fenômenos da natureza exclusivamente nossos próprios conceitos, certamente não estamos vendo os fenômenos, mas os conceitos.

Contudo, os tontos cientistas alucinados por seu fascinante intelecto, creem, de forma estúpida, que cada um de seus conceitos é absolutamente igual a tal ou qual fenômeno observado, quando a realidade é diferente.

Não negamos que nossas afirmações sejam rechaçadas por todo aquele que esteja auto-encerrado por tal ou qual procedimento logístico. Inquestionavelmente, a condição pontifícia e dogmática do intelecto de modo algum poderia aceitar que tal ou qual conceito, corretamente elaborado, não coincida exatamente com a realidade.

Tão logo a mente observe tal ou qual fenômeno através dos sentidos, apressa-se de imediato a rotulá-lo com tal ou qual termo científico que, indiscutivelmente, só vem a servir como remendo para tapar a própria ignorância.

A mente não sabe realmente ser receptiva ao novo; mas, sim, sabe inventar termos complicadíssimos com os quais pretende qualificar de forma auto-enganosa o que certamente ignora.

Falando desta vez em sentido socrático, diremos que a mente não somente ignora senão, ademais, ignora que ignora.

A mente moderna é terrivelmente superficial, especializou-se em inventar termos difícilimos para tapar sua própria ignorância.

Existem duas classes de ciência. A primeira não é mais que essa podridão de teorias subjetivas que abundam por aí. A segunda é a ciência pura dos grandes iluminados, a ciência objetiva do Ser.

Indubitavelmente, não seria possível penetrar no anfiteatro da ciência cósmica, se antes não morrêssemos em nós mesmos.

Necessitamos desintegrar todos esses elementos indesejáveis que carregamos em nosso interior e que em seu conjunto constituem o mim mesmo, o eu da psicologia.

Enquanto a Consciência Superlativa do Ser continuar engarrafada no mim mesmo, entre meus próprios conceitos e teorias subjetivas, será absolutamente impossível conhecer diretamente a crua realidade dos fenômenos naturais em si mesmos.

A chave do laboratório da natureza a tem em sua mão direita o Anjo da Morte.

Muito pouco podemos aprender do fenômeno do nascimento; mas, da morte poderemos aprender tudo.

O templo inviolado da ciência pura encontra-se no fundo da negra sepultura. Se o germe não morre, a planta não nasce. Só com a morte advém o novo.

Quando o ego morre, a Consciência desperta para ver a realidade de todos os fenômenos da natureza tal qual são em si mesmos e por si mesmos.

A Consciência sabe o que diretamente experimenta por si mesma: o cru realismo da vida mais além do corpo, dos afetos e da mente.

A DIALÉTICA DA CONSCIÊNCIA

No trabalho esotérico relacionado com a eliminação dos elementos indesejáveis que carregamos em nosso interior, surge, às vezes, o fastio, o cansaço e o aborrecimento.

Inquestionavelmente necessitamos voltar sempre ao ponto de partida original e revalorizar os fundamentos do trabalho psicológico, se é que, de verdade, anelamos a mudança radical.

Amar o trabalho esotérico é indispensável quando, de verdade, se quer uma transformação interior completa.

Enquanto não amemos o trabalho psicológico que conduz à mudança, a reavaliação dos princípios torna-se algo mais que impossível.

Seria absurdo supor que nos pudéssemos interessar pelo trabalho se, na realidade, não chegamos a amá-lo.

Isto significa que o amor é indispensável quando uma e outra vez tratamos de revalorizar os fundamentos do trabalho psicológico.

Urge, antes de tudo, saber o que é isso que se chama Consciência, pois são muitas as pessoas que nunca se interessaram por saber algo sobre a mesma.

Qualquer pessoa comum e corrente jamais ignoraria que um boxeador ao cair nocauteado sobre o ringue perde a consciência.

É claro que, ao voltar a si, o desventurado pugilista adquire novamente a consciência.

Sequencialmente, qualquer um compreende que existe uma clara diferença entre a personalidade e a Consciência.

Ao vir ao mundo, todos trazemos à existência uns três por cento de Consciência, e uns noventa e sete por cento repartíveis entre subconsciência, infraconsciência e inconsciência.

Os três por cento de Consciência podem ser acrescidos à medida que trabalhamos sobre nós mesmos.

Não é possível acrescentar Consciência mediante procedimentos exclusivamente físicos ou mecânicos.

Indubitavelmente, a Consciência somente pode despertar à base de trabalhos conscientes e padecimentos voluntários.

Existem Vários tipos de energia dentro de nós mesmos que devemos compreender. Primeiro: energia mecânica. Segundo: energia vital. Terceiro: energia psíquica. Quarta: energia

mental. Quinta: energia da Vontade. Sexta: energia da consciência. Sétima: energia do espírito puro.

Por muito que multiplicássemos a energia estritamente mecânica, jamais conseguiríamos despertar a Consciência.

Por muito que incrementássemos as forças Vitais dentro de nosso organismo, nunca chegaríamos a despertar Consciência.

Muitos processos psicológicos realizam-se dentro de nós mesmos, sem que, para isso, intervenha em nada a Consciência.

Por muito grandes que sejam as disciplinas da mente, a energia mental não logrará nunca despertar os diversos funcionalismos da Consciência.

A força da Vontade, ainda que fosse multiplicada até o infinito, não consegue despertar a Consciência.

Todos estes tipos de energia se escalonam em distintos níveis e dimensões que nada têm a Ver com a Consciência.

A Consciência só pode ser despertada mediante trabalhos conscientes e retos esforços.

O pequeno percentual de Consciência que a humanidade possui, em vez de ser incrementado, costuma ser esbanjado inutilmente na Vida.

É óbvio que ao nos identificarmos com todos os acontecimentos da nossa existência, desperdiçamos inutilmente a energia da Consciência.

Nós deveríamos ver a vida como um filme, sem identificar-nos jamais com nenhuma comédia, drama ou tragédia; assim, economizaríamos energia conscientiva.

A Consciência, em si mesma, é um tipo de energia com elevadíssima frequência vibratória.

Não confundamos a Consciência com a memória, pois são tão diferentes, uma da outra, como o é a luz dos faróis do automóvel com relação à estrada por onde andamos.

Muitos atos se realizam, dentro de nós mesmos, sem participação alguma disso que se chama Consciência.

Em nosso organismo sucedem muitos ajustes e reajustes, sem que a Consciência participe dos mesmos.

O centro motor de nosso corpo pode manobrar um automóvel ou dirigir os dedos que tocam o teclado de um piano, sem a mais insignificante participação da Consciência.

A Consciência é luz que o inconsciente não percebe.

O cego tampouco percebe a luz física solar; mas, ela existe por si mesma.

Necessitamos abrir-nos para que a Luz da Consciência penetre nas trevas espantosas do mim mesmo, do si mesmo.

Agora compreenderemos melhor o significado das palavras de João, quando diz no Evangelho: "A luz veio às trevas; porém, as trevas não a compreenderam."

Mas seria impossível que a Luz da Consciência pudesse penetrar dentro das trevas do eu mesmo, se, previamente, não usássemos o sentido maravilhoso da auto-observação psicológica.

Necessitamos franquear a passagem da luz para iluminar as profundidades tenebrosas do eu da psicologia.

Jamais nos auto-observaríamos se não tivéssemos interesse em mudar. Tal interesse só é possível quando amamos de verdade os ensinamentos esotéricos.

Agora compreenderão nossos leitores o motivo pelo qual aconselhamos revalorizar, uma e outra vez, as instruções concernentes ao trabalho sobre si mesmo.

A Consciência desperta nos permite experimentar, de forma direta, a realidade.

Desafortunadamente, o "animal intelectual", equivocadamente chamado homem, fascinado pelo poder formulativo da lógica dialética, esqueceu a Dialética da Consciência.

Sem dúvida alguma, o poder para formular conceitos lógicos resulta, no fundo, terrivelmente pobre.

Da tese podemos passar à antítese e, mediante a discussão, chegar à síntese; mas, esta última, em si mesma, continua sendo um conceito intelectual que, de modo algum, pode coincidir com a realidade.

A Dialética a Consciência é mais direta; permite-nos experimentar a realidade de qualquer fenômeno em si mesmo e por si mesmo.

Os fenômenos naturais de modo algum coincidem exatamente com os conceitos formulados pela mente.

A vida se desenvolve de instante em instante e, quando a capturamos para analisa-la, matamo-la.

Quando tentamos inferir conceitos ao observar tal ou qual fenômeno natural, de fato, deixamos de perceber a realidade do fenômeno e só vemos, no mesmo, o reflexo das teorias e conceitos rançosos que, de modo algum, nada tem a ver com o fato observado.

A alucinação intelectual é fascinante e queremos, à força, que todos os fenômenos da natureza coincidam com nossa lógica dialética.

A Dialética da Consciência fundamenta-se nas experiências vividas e não no mero racionalismo subjetivo.

Todas as leis da natureza existem dentro de nós mesmos e se em nosso interior não as descobrimos, jamais as descobriremos fora de nós mesmos.

O homem está contido no universo e o universo está contido no homem.

Real é aquilo que experimentamos em nosso interior. Só a Consciência pode experimentar a realidade.

A linguagem da Consciência é simbólica, íntima, profundamente significativa e só os despertados podem compreendê-la.

Quem quer despertar Consciência deve eliminar de seu interior todos os elementos indesejáveis que constituem o ego, o eu, o mim mesmo, dentro dos quais encontra-se engarrafada a Essência.

O JARGÃO CIENTIFICISTA

A dialética lógica fica condicionada e qualificada ainda pelas proposições "em" e "acerca de", que jamais nos levam à experiência direta do real.

Os fenômenos da natureza distam muito de ser como os cientistas os veem.

Certamente, tão logo um fenômeno qualquer é descoberto, de imediato é qualificado ou rotulado com tal ou qual terminologia difícil do jargão científico.

Obviamente, esses difíceis termos do cientificismo moderno só servem de remendo para tapar a ignorância.

Os fenômenos naturais de modo algum são como os cientistas os veem.

A vida, com todos os seus processos e fenômenos, desenvolve-se de momento em momento, de instante em instante; e, quando a mente científicista a detém para analisá-la, de fato a mata.

Qualquer inferência extraída de um fenômeno natural qualquer, de nenhuma maneira é igual à realidade concreta do fenômeno. Desgraçadamente, a mente do cientista, alucinada por suas próprias teorias, crê firmemente no realismo de suas inferências.

O intelecto alucinado não somente vê nos fenômenos o reflexo de seus próprios conceitos, senão, e o que é pior, quer de forma ditatorial fazer com que os fenômenos se tornem exata e absolutamente iguais a todos esses conceitos que levamos no intelecto.

O fenômeno da alucinação intelectual é fascinante. Nenhum desses tontos cientistas ultramodernos admitiria a realidade de sua própria alucinação.

Certamente, os sabichões destes tempos de modo algum admitiriam que se os qualificasse de alucinados.

A força da autossugestão lhes fez crer na realidade de todos esses conceitos do jargão científicista.

Obviamente, a mente alucinada se presume de onisciente e, de forma ditatorial, quer que todos os processos da natureza andem pelos trilhos de suas sabichonices.

Nem bem apareceu um fenômeno novo, é classificado, rotulado e o põem em tal ou qual lugar, como se em verdade o houvessem compreendido.

São milhares os termos que se inventaram para rotular fenômenos, mas, nada sabem os pseudos-sapientes sobre a realidade dos mesmos.

Como exemplo vívido de tudo o que estamos afirmando neste capítulo, citaremos o corpo humano.

Em nome da verdade podemos afirmar, de forma enfática, que este corpo físico é absolutamente desconhecido para os cientistas modernos.

Uma afirmação desta classe poderia aparecer como muito insolente ante os pontífices do cientificismo moderno. Sem dúvida, merecemos deles a excomunhão.

No entanto, temos bases muito sólidas para fazer tão tremenda afirmação. Infelizmente, as mentes alucinadas estão tão convencidas de sua pseudo-sapiência, que nem remotamente poderiam aceitar o cru realismo de sua ignorância.

Se lhes disséssemos, aos hierarcas do cientificismo moderno, que o Conde Cagliostro, interessantíssimo personagem dos séculos XVI, XVII, XVIII, ainda vive em pleno século XX; se lhes disséssemos que o insigne Paracelso, insigne facultativo da Idade Média, ainda existe, podeis estar seguros de que os hierarcas do cientificismo atual ririam de nós e jamais aceitariam nossas afirmações.

No entanto, é assim. Vivem atualmente sobre a face da terra os autênticos mutantes, homens imortais, com corpos que datam de milhares e de milhões de anos atrás.

O autor desta obra conhece os mutantes. Entretanto não ignora o ceticismo moderno, a alucinação dos cientistas e o estado de ignorância dos sabichões.

Por tudo isto, de modo algum cairíamos na ilusão de crer que os fanáticos do jargão cientificista aceitassem a realidade de nossas insólitas declarações.

O corpo de qualquer mutante é um franco desafio ao jargão cientificista destes tempos.

O corpo de qualquer mutante pode mudar de figura e retornar logo ao seu estado normal sem receber dano algum.

O corpo de qualquer mutante pode penetrar instantaneamente na “quarta vertical” e até assumir qualquer forma vegetal ou animal e retornar, posteriormente, ao seu estado normal sem receber prejuízo algum.

O corpo de qualquer mutante desafia violentamente os velhos textos de anatomia oficial.

Infelizmente, nenhuma destas declarações poderia convencer os alucinados do jargão cientificista.

Esses senhores, sentados sobre seus sólios pontifícios, sem dúvida nos olharão com desdém, talvez com ira e possivelmente até com um pouco de piedade.

Entretanto, a verdade é o que é e a realidade dos mutantes é um franco desafio a toda teoria ultramoderna.

O autor da obra conhece os mutantes, porém, não espera que alguém o creia.

Cada órgão do corpo humano é controlado por leis e forças que nem remotamente conhecem os alucinados do jargão cientificista.

Os elementos da natureza são, em si mesmos, desconhecidos para a ciência oficial. As melhores fórmulas químicas estão incompletas: H₂O, dois átomos de Hidrogênio e um de Oxigênio, para formar água é algo empírico.

Se tratarmos de juntar, num laboratório, o átomo de Oxigênio com dois de Hidrogênio, não obteremos água nem nada, porque esta fórmula está incompleta. Falta-lhe o elemento fogo, só com este citado elemento se poderia criar água.

A inteligência, por muito brilhante que pareça, jamais nos pode conduzir à experiência do real.

A classificação de substâncias e os termos difíceis com que se rotula as mesmas, só servem como remendo para tapar a ignorância.

Isso de o intelecto querer que tal ou qual substância possua determinado nome e característica, torna-se absurdo e insuportável.

Por que o intelecto se presume onisciente? Por que se alucina, pensando que as substâncias e os fenômenos são como ele crê que são? Por que quer a inteligência que a natureza seja uma réplica perfeita de todas as suas teorias, conceitos, opiniões, dogmas, preconceitos, julgamentos?

Na realidade, os fenômenos naturais não são como se crê que são; e as substâncias e forças da natureza de nenhuma maneira são como o intelecto pensa que são.

A Consciência desperta não é a mente, nem a memória, nem nada semelhante. Só a Consciência liberada pode experimentar, por si mesma e em forma direta, a realidade da vida livre em seu movimento.

Porém, devemos afirmar, de forma enfática, que enquanto exista dentro de nós mesmos qualquer elemento subjetivo indesejável, a Consciência continuará engarrafada em tal elemento e, por conseguinte, não poderá gozar da iluminação contínua e perfeita.

O ANTICRISTO

O faiscante intelectualismo, como atividade manifesta do eu psicológico é, indubitavelmente, o Anticristo.

Aqueles que supõem que o Anticristo é um personagem nascido em tal ou qual lugar da Terra, ou vindo deste ou daquele país, estão por certo completamente equivocados.

Temos dito, de forma enfática, que o Anticristo não é, de modo algum, um sujeito definido, mas todos os sujeitos.

Obviamente, o Anticristo radica no fundo de cada pessoa e se expressa de forma múltipla.

O intelecto posto a serviço do espírito é útil; o intelecto divorciado do espírito torna-se inútil.

Do intelectualismo sem espiritualidade surgem os velhacos, viva manifestação do Anticristo.

Obviamente, o velhaco é, em si mesmo e por si mesmo, o Anticristo. Desgraçadamente o mundo atual, com todas as suas tragédias e misérias, está governado pelo Anticristo.

O estado caótico em que se encontra a humanidade atual se deve, indubitavelmente, ao Anticristo.

O iníquo de que Paulo de Tarso falava em suas epístolas é certamente um cru realismo destes tempos.

O iníquo já veio e se manifesta por toda parte, tem certamente o dom da ubiquidade.

Discute nos cafés, faz negociações na ONU, senta-se comodamente em Genebra, realiza experimentos de laboratório, inventa bombas atômicas, foguetes teleguiados, gases asfixiantes, bombas bacteriológicas, etc., etc., etc.

Fascinado o Anticristo com seu próprio intelectualismo, exclusividade absoluta dos sabichões, crê que conhece todos os fenômenos da natureza.

O Anticristo, julgando-se onisciente, engarrafado em toda a podridão de suas teorias, rechaça de imediato tudo aquilo que se pareça a Deus ou que se adore.

A autossuficiência do Anticristo, o orgulho e a soberba que possui são algo insuportável.

O Anticristo odeia mortalmente as virtudes cristãs da fé, da paciência e da humildade.

Todo joelho se dobra diante do Anticristo. Obviamente, este inventou aviões supersônicos, navios maravilhosos, flamejantes automóveis, medicamentos surpreendentes, etc., etc., etc.

Nestas condições, quem poderia duvidar do Anticristo? Quem se atreve, nestes tempos, a se pronunciar contra todos estes milagres e prodígios do filho da perdição, condena-se a ser alvo da zombaria de seus semelhantes, do sarcasmo, da ironia e a ser qualificado de estúpido e ignorante.

Custa trabalho fazer com que as pessoas sérias e estudiosas entendam isto, elas reagem ou opõem resistência.

É claro que o “animal intelectual”, equivocadamente chamado homem, é um robô, programado com jardim de infância, curso primário e secundário, universidade, etc.

Ninguém pode negar que um robô programado funciona de acordo com o programa; de nenhuma maneira poderia funcionar se o tirasse do programa.

O Anticristo elaborou o programa com o qual se programam os robôs humanóides destes tempos decadentes.

Fazer estes esclarecimentos, pôr ênfase no que estou dizendo, toma-se espantosamente difícil por estar fora do programa; nenhum robô humanoide poderia admitir coisas que estão fora do programa.

É tão grave esta questão e tão tremendos os enfrascamentos da mente que um robô humanoide qualquer, de modo algum, nem remotamente suspeitaria que o programa não serve; pois ele foi condicionado de acordo com o programa e duvidar do mesmo lhe pareceria uma heresia, algo incongruente e absurdo.

Que um robô duvide de seu programa é um despropósito; algo absolutamente impossível, pois sua mesmíssima existência se deve ao programa.

Infelizmente, as coisas não são como as pensa o robô humanoide; existe outra ciência, outra sabedoria inaceitável para os robôs humanóides.

Reage o humanoide robô e tem razão em reagir, pois não foi programado para outra ciência, nem para outra cultura, nem para nada diferente do seu sabido programa.

O Anticristo elaborou os programas do robô humanoide. O robô prostra-se, humilde, ante seu amo. Como poderia duvidar da sapiência de seu amo?

A criança nasce inocente e pura. A Essência, expressando-se em cada criatura, é realmente preciosa.

Inquestionavelmente, a natureza deposita no cérebro dos recém-nascidos todos esses dados selvagens, naturais, silvestres, cósmicos, espontâneos, indispensáveis para a captura ou apreensão das verdades contidas em qualquer fenômeno natural perceptível para os sentidos.

Isto significa que a criança recém-nascida poderia, por si mesma, descobrir a realidade de cada fenômeno natural. Desgraçadamente, o programa do Anticristo interfere e as

maravilhosas qualidades que a natureza depositou no cérebro do recém-nascido, logo ficam destruídas.

O Anticristo proíbe pensar de forma diferente. Toda criatura que nasce, por ordem do Anticristo, deve ser programada.

Não há dúvida de que o Anticristo odeia mortalmente aquele precioso sentido do Ser conhecido como “faculdade de percepção instintiva das Verdades cósmicas”.

Ciência pura, distinta de toda a podridão de teorias universitárias que existem por toda parte, é algo inadmissível para os robôs do Anticristo.

Muitas guerras, fomes e doenças o Anticristo propagou em todas as redondezas da Terra e não há dúvida de que as seguirá propagando, antes que chegue a catástrofe final.

Desafortunadamente, chegou a hora da grande apostasia, anunciada por todos os profetas e nenhum ser humano se atreveria a pronunciar-se contra o ANTICRISTO.

O EU PSICOLÓGICO

Esta questão do mim mesmo, o que eu sou, isso que pensa, sente e atua, é algo que devemos auto-explorar para conhecer profundamente.

Existem por toda parte lindíssimas teorias que atraem e fascinam. Contudo, de nada serviria tudo isso se não nos conhecêssemos a nós mesmos.

É fascinante estudar astronomia ou distrair-se um pouco lendo obras sérias; no entanto, resulta irônico converter-se num erudito e nada saber sobre si mesmo, sobre o eu sou, sobre a personalidade humana que possuímos.

Cada qual é muito livre para pensar o que queira e a razão subjetiva do “animal intelectual”, equivocadamente chamado homem, dá para tudo. Tanto pode fazer de uma pulga um cavalo, como de um cavalo uma pulga. São muitos os intelectuais que vivem jogando com o raciocínio; mas, depois de tudo, o quê?

Ser erudito não significa ser sábio. Os ignorantes ilustrados abundam como erva daninha e não apenas não sabem, senão, ademais, nem sequer sabem que não sabem.

Entenda-se por ignorantes ilustrados os sabichões que pensam que sabem e nem sequer se conhecem a si mesmos.

Poderíamos teorizar lindamente sobre o eu da psicologia; mas, não é exatamente isso o que nos interessa neste capítulo.

Necessitamos conhecer a nós mesmos por via direta, sem o processo deprimente da opção.

De modo algum seria isto possível se não nos auto-observássemos em ação de instante a instante, de momento em momento.

Não se trata de ver-nos através de alguma teoria ou de uma simples especulação intelectual.

Ver-nos diretamente tal qual somos é o interessante; só assim poderemos chegar ao conhecimento verdadeiro de nós mesmos.

Ainda que pareça incrível, nós estamos equivocados com respeito a nós mesmos.

Muitas coisas que cremos não ter, as temos; e muitas que cremos ter, não as temos.

Nós formamos falsos conceitos sobre nós mesmos e devemos fazer um inventário para saber o que nos sobra e o que nos falta.

Supomos que temos tais ou quais qualidades que em realidade não temos e muitas virtudes que possuímos, certamente as ignoramos.

Somos pessoas adormecidas, inconscientes e isso é o grave. Infelizmente, pensamos o melhor de nós mesmos e nem sequer suspeitamos que estamos adormecidos.

As sagradas escrituras insistem na necessidade de despertar, mas não explicam o sistema para lograr esse despertar.

O pior do caso é que são muitos os que leram as sagradas escrituras e nem sequer entendem que estão adormecidos.

Todo mundo pensa que se conhece a si mesmo e nem remotamente suspeita que existe a “doutrina dos muitos”.

Realmente, o eu psicológico de cada um é múltiplo; sobrevém sempre como muitos.

Com isto queremos dizer que temos muitos “eus” e não só um, como supõem sempre os ignorantes ilustrados.

Negar a “doutrina dos muitos” é fazer-se de tolo a si mesmo; pois, de fato, seria o cúmulo dos cúmulos ignorar as contradições íntimas que cada um de nós possui.

Vou ler um jornal, diz o eu do intelecto; ao diabo com tal leitura, exclama o eu do movimento, prefiro dar um passeio de bicicleta. Que passeio, que nada! Grita um terceiro em discórdia, prefiro comer, tenho fome.

Se pudéssemos nos ver num espelho de corpo inteiro, tal como somos, descobriríamos, por nós mesmos, em forma direta, a doutrina dos muitos.

A personalidade humana é tão somente uma marionete controlada por fios invisíveis.

O eu que hoje jura amor eterno pela Gnose é mais tarde substituído por outro eu que nada tem a ver com o juramento; então o sujeito se retira.

O eu que hoje jura amor eterno a uma mulher é mais tarde substituído por outro que nada tem a ver com esse juramento; então o sujeito se enamora de outra e o castelo de cartas vai ao chão.

O “animal intelectual”, equivocadamente chamado homem, é como uma casa cheia de muita gente.

Não existe ordem nem concordância alguma entre os múltiplos eus. Todos eles brigam entre si e disputam a supremacia. Quando algum deles consegue o controle dos centros capitais da máquina orgânica, sente-se o único, o amo; porém, acaba sendo derrocado.

Considerando as coisas deste ponto de Vista, chegamos à conclusão lógica de que o “mamífero intelectual” não tem verdadeiro sentido de responsabilidade moral.

Indiscutivelmente, o que a máquina faça ou diga num momento dado, depende exclusivamente do tipo de eu que nesses instantes a controla.

Dizem que Jesus de Nazaré tirou do corpo de Maria Madalena sete demônios, sete eus, viva personificação dos sete pecados capitais.

É óbvio que cada um destes sete demônios é cabeça de legião; por conseguinte, devemos estabelecer, como corolário, que o Cristo Íntimo pôde expulsar do corpo da Madalena milhares de Eus.

Reflexionando em todas estas coisas, podemos inferir claramente que a única coisa digna que nós possuímos em nosso interior é a ESSÊNCIA. Infelizmente, a mesma encontra-se enfrascada entre todos estes múltiplos eus da Psicologia Revolucionária.

É lamentável que a Essência se processe sempre em virtude de seu próprio engarrafamento.

Indiscutivelmente, a Essência, ou Consciência, que é a mesma coisa, dorme profundamente.

AS TREVAS

Um dos problemas mais difíceis da nossa época vem a ser certamente o intrincado labirinto das teorias.

Indubitavelmente, por estes tempos se multiplicaram exorbitantemente por aqui, ali e acolá, as escolas pseudo-esoteristas e pseudo-ocultistas.

O comércio de almas, de livros e de teorias é pavoroso, raro é aquele que, entre o emaranhado de tantas ideias contraditórias, consiga em verdade achar o caminho secreto.

O mais grave de tudo isto é a fascinação intelectual; existe a tendência a nutrir-se estritamente de forma intelectual, com tudo o que chega à mente.

Os vagabundos do intelecto já não se contentam com toda essa livraria subjetiva e de tipo geral que abunda nos mercados de livros, senão que, agora, para o cúmulo dos cúmulos, também se empanturram e indigestam com o pseudo-esoterismo e pseudo-ocultismo barato que abundam por toda parte como erva daninha.

O resultado de todos estes jargões é a confusão e desorientação manifesta dos velhacos do intelecto.

Constantemente recebo cartas e livros de toda espécie. Os remetentes, como sempre, interrogando-me sobre esta ou aquela escola, sobre tal ou qual livro. Eu me limito a responder o seguinte: Deixe você a ociosidade mental; a você não tem por que se importar com a vida alheia; desintegre o eu animal da curiosidade; não se preocupe com as escolas alheias; torne-se sério, conheça-se a si mesmo, estude-se a si mesmo, observe-se a si mesmo, etc., etc., etc.

Realmente, o importante é conhecer-se a si mesmo, profundamente, em todos os níveis da mente.

As trevas são a inconsciência; a luz é a Consciência. Devemos permitir que a luz penetre em nossas próprias trevas. Obviamente, a luz tem poder para vencer as trevas.

Desgraçadamente, as pessoas encontram-se auto-encerradas dentro do ambiente fétido e imundo de sua própria mente, adorando seu querido ego.

As pessoas não querem dar-se conta de que não são donas de sua própria vida; certamente, cada pessoa está controlada desde dentro por muitas outras pessoas. Quero referir-me, de forma enfática, a toda essa multiplicidade de eus que trazemos dentro.

Evidentemente, cada um desses eus põe em nossa mente o que devemos pensar, em nossa boca o que devemos dizer, no coração o que devemos sentir, etc., etc., etc.

Nestas condições, a personalidade humana não é mais que um robô governado por diferentes pessoas que disputam a supremacia e que aspiram o supremo controle dos centros capitais da máquina orgânica.

Em nome da verdade, temos que afirmar solenemente que o pobre “animal intelectual”, equivocadamente chamado homem, ainda que se creia muito equilibrado, vive em um completo desequilíbrio psicológico.

O mamífero intelectual de modo algum é unilateral; se o fosse, seria equilibrado.

O “animal intelectual” é, desgraçadamente, multilateral e isso está demonstrado até a saciedade.

Como poderia ser equilibrado o humanoide racional? Para que exista equilíbrio perfeito necessita-se da Consciência desperta.

Só a luz da Consciência dirigida não desde os ângulos, mas em forma plena, central, sobre nós mesmos, pode acabar com os contrastes, as contradições psicológicas e estabelecer em nós o verdadeiro equilíbrio interior.

Se dissolvermos todo esse conjunto de eus que trazemos em nosso interior, vem o despertar da Consciência e, como sequência ou corolário, o equilíbrio verdadeiro de nossa própria psique.

Desafortunadamente, as pessoas não se querem dar conta da inconsciência em que vivem; dormem profundamente.

Se as pessoas estivessem despertas, cada qual sentiria seus próximos em si mesmo.

Se as pessoas estivessem despertas, nossos próximos nos sentiriam em seu interior.

Então, obviamente, as guerras não existiriam e a Terra inteira seria, em verdade, um paraíso.

A luz da Consciência, dando-nos verdadeiro equilíbrio psicológico, vem estabelecer cada coisa em seu lugar e o que antes entrava em conflito íntimo conosco, de fato fica em seu lugar adequado.

É tal a inconsciência das multidões que nem sequer são capazes de encontrar a relação existente entre luz e Consciência.

Inquestionavelmente, luz e Consciência são dois aspectos da mesma coisa; onde há luz, há Consciência.

A inconsciência é trevas e estas últimas existem em nosso interior.

Só mediante a auto-observação psicológica permitimos que a luz penetre em nossas próprias trevas.

“A luz veio às trevas, porém, as trevas não a compreenderam.”

AS TRÊS MENTES

Existem, por toda parte, muitos velhacos do intelecto, sem orientação positiva e envenenados pelo asqueroso ceticismo.

Certamente, o veneno repugnante do ceticismo contagiou as mentes humanas de forma alarmante desde o século XVIII.

Antes daquele século, a famosa ilha Nontrabada, ou Encubierta, situada frente às costas da Espanha, se fazia visível e tangível constantemente.

Não há dúvida de que tal ilha se encontra situada dentro da “quarta vertical”. Muitas são as lendas relacionadas com essa ilha misteriosa.

Depois do século XVIII, a citada ilha perdeu-se na eternidade e ninguém sabe nada sobre a mesma.

Na época do Rei Artur e dos cavaleiros da Távola Redonda, os elementais da natureza se manifestaram por toda parte, penetrando profundamente dentro de nossa atmosfera física.

São muitos os relatos sobre duendes, gênios e fadas que ainda abundam na verde Erim, Irlanda. Infelizmente, todas essas coisas inocentes, toda essa beleza da alma do mundo já não é percebida pela humanidade, devido às sabichonices dos velhacos do intelecto e ao desenvolvimento desmesurado do ego animal.

Hoje em dia, os sabichões riem de todas estas coisas; não as aceitam, ainda que, no fundo, nem remotamente tenham logrado a felicidade.

Se as pessoas entendessem que temos três mentes, outro galo cantaria; possivelmente até se interessariam mais por estes estudos.

Desgraçadamente, os ignorantes ilustrados, metidos nos becos de suas difíceis erudições, nem sequer têm tempo para se ocupar de nossos estudos seriamente.

Essas pobres pessoas são auto-suficientes. Acham-se envaidecidas com o vão intelectualismo. Pensam que vão pelo caminho certo e nem remotamente supõem que se encontram metidas num beco sem saída.

Em nome da verdade devemos dizer que, em síntese, temos três mentes.

À primeira, podemos e devemos chamá-la de mente sensorial. À segunda, batizaremos com o nome de mente intermediária. À terceira chamaremos de mente interior.

Vamos agora estudar cada uma destas três mentes por separado e de forma criteriosa.

Inquestionavelmente, a mente sensorial elabora seus conceitos de conteúdo mediante as percepções sensoriais externas.

Nestas condições, a mente sensorial é terrivelmente grosseira e materialista; não pode aceitar nada que não tenha sido demonstrado fisicamente.

Como os conceitos de conteúdo da mente sensorial têm por fundamento os dados sensoriais externos, é óbvio que esta nada pode saber sobre o Real, sobre a Verdade, sobre os mistérios da vida e da morte, sobre a Alma e o Espírito, etc., etc., etc.

Para os velhacos do intelecto, aprisionados totalmente pelos sentidos externos e engarrados nos conceitos do conteúdo da mente sensorial, nossos estudos esotéricos lhes parecem loucura.

Dentro da razão dos sem razão, no mundo ao descabelado, eles têm razão, porque estão condicionados pelo mundo sensorial externo. Como poderia a mente sensorial aceitar algo que não seja sensorial?

Se os dados dos sentidos servem de mola secreta para todos os funcionalismos da mente sensorial, é óbvio que estes últimos tem que originar conceitos sensoriais.

A mente intermediária é diferente; embora, tampouco não saiba nada de forma direta sobre o Real. Limita-se a crer e isso é tudo.

Na mente intermediária estão as crenças religiosas, os dogmas inquebrantáveis, etc., etc., etc.

Mente interior é fundamental para a experiência direta da verdade.

Indubitavelmente, a mente interior elabora seus conceitos de conteúdo com os dados proporcionados pela Consciência Superlativa do Ser.

Inquestionavelmente, a Consciência pode vivenciar e experimentar o Real. Não há dúvida de que a Consciência sabe da verdade.

Não obstante, para a manifestação, a Consciência necessita de um mediador, de um instrumento de ação e este é a mente interior.

A Consciência conhece, diretamente, a realidade de cada fenômeno natural e pode manifestá-la mediante a mente interior.

Abrir a mente interior seria o indicado, a fim de sair do mundo das dúvidas e da ignorância.

Isto significa que só abrindo a mente interior nasce a fé autêntica no ser humano.

Olhando esta questão deste outro ângulo, diremos que o ceticismo materialista é a característica peculiar da ignorância. Não há dúvida de que os ignorantes ilustrados resultem cem por cento céticos.

A fé é percepção direta do real; sabedoria fundamental; vivência disso que está mais além do corpo, dos afetos e da mente.

Distinga-se entre fé e crença. As crenças encontram-se depositadas na mente intermediária; a fé é característica da mente interior.

Infelizmente, existe sempre a tendência geral de confundir a crença com a fé. Ainda que pareça paradoxal enfatizaremos o seguinte: “AQUELE QUE TEM FE VERDADEIRA, NAO NECESSITA CRER.”

É que a fé autêntica é sapiência vívida, cognição exata, experiência direta.

Sucedo que durante muitos séculos confundiu-se a fé com a crença e agora custa muito trabalho fazer com que as pessoas compreendam que a fé é sabedoria verdadeira e nunca vãs crenças.

Os funcionalismos sapientes da mente interior têm, como molas íntimas, todos esses dados formidáveis da sabedoria contida na Consciência.

Quem abriu a mente interior recorda suas vidas anteriores, conhece os mistérios da vida e da morte, não pelo que tenha lido ou deixado de ler; não pelo que outro haja dito ou deixado de dizer; não pelo que tenha acreditado ou deixado de acreditar, mas pela experiência direta, vivida, terrivelmente real.

Isto que estamos dizendo não agrada à mente sensorial; não pode aceitá-lo, porque sai de seus domínios; nada tem a ver com as percepções sensoriais externas; é algo alheio a seus conceitos de conteúdo, ao que lhe ensinaram na escola, ao que aprendeu em distintos livros, etc., etc., etc.

Isto que estamos dizendo tampouco é aceito pela mente intermediária, porque de fato contraria suas crenças, desvirtua o que seus preceptores religiosos lhe fizeram aprender de memória, etc.

Jesus, o Grande Kabir, adverte a seus discípulos dizendo-lhes: “Cuidai-vos da levedura dos saduceus e da levedura dos fariseus.”

É evidente que Jesus, o Cristo, com esta advertência, referiu-se às doutrinas dos materialistas saduceus e dos hipócritas fariseus.

A doutrina dos saduceus está na mente sensorial, é a doutrina dos cinco sentidos.

A doutrina dos fariseus encontra-se situada na mente intermediária, isto é irrefutável e irrefutável.

É evidente que os fariseus comparecem a seus ritos para que os outros os vejam, para que se diga que são boas pessoas, para manter as aparências; mas nunca trabalham sobre si mesmos.

Não seria possível abrir a mente interior, se não aprendêssemos a pensar psicologicamente.

Inquestionavelmente, quando alguém começa a observar-se a si mesmo é sinal de que começou a pensar psicologicamente.

Enquanto não se admita a realidade de sua própria psicologia e a possibilidade de mudá-la fundamentalmente, indubitavelmente não se sente a necessidade da auto-observação psicológica.

Quando alguém aceita a Doutrina dos Muitos e compreende a necessidade de eliminar os diversos “eus” que carrega em sua psique, com o propósito de liberar a Consciência, a Essência, indubitavelmente, inicia, de fato e por direito próprio, a auto-observação psicológica.

Obviamente, a eliminação dos elementos indesejáveis que carregamos em nossa psique, origina a abertura da mente interior.

Tudo isto significa que a citada abertura é algo que se realiza de forma gradativa, à medida que vamos aniquilando os elementos indesejáveis que levamos em nossa psique.

Quem tenha eliminado em cem por cento os elementos indesejáveis de seu interior, obviamente também terá aberto sua mente interior em cem por cento.

Uma pessoa assim possuirá a fé absoluta. Agora vocês compreenderão as palavras do Cristo, quando disse: “ Se tivésseis fé como um grão de mostarda, moveríeis montanhas.”

MEMÓRIA-TRABALHO

Inquestionavelmente, cada pessoa tem sua própria psicologia particular; isto é irrefutável, incontrovertível, irrefutável.

Desafortunadamente, as pessoas nunca pensam nisto e muitos nem aceitam, porque se acham aprisionados na mente sensorial.

Qualquer um admite a realidade do corpo físico, porque pode vê-lo e apalpá-lo; entretanto, a psicologia é questão distinta; não é perceptível para os cinco sentidos e, por isto, a tendência geral é rechaça-la ou, simplesmente, subestimá-la e depreciá-la, qualificando-a de algo sem importância.

Indubitavelmente, quando alguém começa a se auto-observar é sinal inequívoco de que aceitou a tremenda realidade de sua própria psicologia.

É claro que ninguém se tentaria auto-observar se não encontrasse antes um motivo fundamental.

Obviamente, quem inicia a auto-observação converte-se num sujeito muito diferente dos demais; de fato indica a possibilidade de uma mudança.

Desafortunadamente, as pessoas não querem mudar, contentam-se com o estado em que vivem.

Causa dor ver como as pessoas nascem, crescem, reproduzem-se como bestas, sofrem o indizível e morrem sem saber porquê.

Mudar é algo fundamental; porém, isto é impossível se não se inicia a auto-observação psicológica.

É necessário começar a ver-se a si mesmo com o propósito de auto-conhecer-se; pois, na verdade, o humanoide racional não se conhece a si mesmo.

Quando descobrimos um defeito psicológico de fato damos um grande passo, porque isto nos permitirá estudá-lo e até eliminá-lo radicalmente.

Em verdade, nossos defeitos psicológicos são inumeráveis. Ainda que tivéssemos mil línguas para falar e palato de aço, não alcançaríamos enumerá-los a todos cabalmente.

O grave de tudo isto é que não sabemos medir o espantoso realismo de qualquer defeito. Sempre o vemos de forma vã, sem pôr nele a devida atenção; vemos-lo como algo sem importância.

Quando aceitamos a doutrina dos muitos e entendemos o cru realismo dos sete demônios que Jesus, o Cristo, tirou do corpo de Maria Madalena, ostensivelmente nosso modo de pensar, com respeito aos defeitos psicológicos, sofre uma mudança fundamental.

Não é demais afirmar, de forma enfática, que a doutrina dos muitos é de origem tibetana e gnóstica em cem por cento.

Na Verdade, não é nada agradável saber que dentro de nossa pessoa vivem centenas e milhares de pessoas psicológicas.

Cada defeito é uma pessoa psicológica diferente, existindo dentro de nós mesmos aqui e agora.

Os sete demônios que o Grande Mestre Jesus, O Cristo, expulsou do corpo de Maria Madalena, são os sete pecados capitais: ira, cobiça, luxúria, inveja, orgulho, preguiça e gula.

Naturalmente, cada um destes demônios, em separado, é cabeça de legião.

No velho Egito dos Faraós, o iniciado devia eliminar, de sua natureza interior, os demônios vermelhos de SETH, se é que quisesse lograr o despertar da Consciência.

Visto o realismo dos defeitos psicológicos, o aspirante deseja mudar; não quer continuar no estado em que vive, com tanta gente metida dentro de sua psique e então inicia a auto-observação.

À medida que nós progredimos no trabalho interior, podemos verificar, por nós mesmos, um ordenamento muito interessante do sistema de eliminação.

Assombramo-nos quando descobrimos ordem no trabalho relacionado com a eliminação dos múltiplos agregados psíquicos que personificam os nossos erros.

O interessante de tudo isto é que tal ordem, na eliminação de defeitos, se realiza de forma gradativa e se processa de acordo com a Dialética da Consciência.

Nunca, jamais, poderia a dialética raciocinativa superar o formidável labor da Dialética da Consciência.

Os fatos nos vão demonstrando que o ordenamento psicológico, no trabalho de eliminação dos defeitos, é estabelecido por nosso próprio Ser interior profundo.

Devemos esclarecer que existe uma diferença radical entre o ego e o Ser. O eu jamais poderia estabelecer ordem em questões psicológicas; pois, ele, em si mesmo, é o resultado da desordem.

Só o Ser tem poder para estabelecer a ordem em nossa psique. O Ser é o Ser. A razão de Ser do Ser é o mesmo Ser.

O ordenamento no trabalho de auto-observação, julgamento e eliminação de nossos agregados psíquicos, vai sendo evidenciado pelo sentido judicioso da auto-observação psicológica.

Em todos os seres humanos se acha o sentido da auto-observação psicológica em estado latente; mas se desenvolve de forma gradativa, na medida em que o vamos usando.

Tal sentido nos permite perceber diretamente e não mediante simples associações intelectuais, os diversos “eus” que vivem dentro de nossa psique.

Esta questão das extrapercepções sensoriais começa a ser estudada no terreno da parapsicologia e, de fato, foi demonstrada em múltiplos experimentos que foram realizados judiciosamente através do tempo e sobre os quais existe muita documentação.

Aqueles que negam a realidade das extrapercepções sensoriais são ignorantes em cem por cento; velhacos do intelecto, engarrafados na mente sensorial.

No entanto, o sentido da auto-observação psicológica é algo mais profundo; vai muito mais além dos simples enunciados parapsicológicos; permite-nos a auto-observação íntima e a plena verificação do tremendo realismo subjetivo de nossos diversos agregados.

O ordenamento sucessivo das diversas partes do trabalho relacionado com o tema este tão grave da eliminação de agregados psíquicos, permite-nos inferir uma “Memória-Trabalho” muito interessante e até muito útil na questão do desenvolvimento interior.

Esta “Memória-Trabalho” se bem que é certo que nos pode dar diferentes fotografias psicológicas das diversas etapas da vida passada, unidas na sua totalidade, trariam à nossa imaginação uma estampa viva e até repugnante do que fomos antes de iniciar o trabalho psico-transformista radical.

Não há dúvida de que jamais desejaríamos regressar a essa horrorosa figura, viva representação do que fomos.

Deste ponto de vista, tal fotografia psicológica resultaria útil como meio de confrontação entre um presente transformado e um passado regressivo, rançoso, torpe e desgraçado.

A “Memória-Trabalho” é escrita sempre à base de sucessivos eventos psicológicos registrados pelo centro de auto-observação psicológica.

Existem, em nossa psique, elementos indesejáveis que nem remotamente suspeitamos.

Que um homem honrado, incapaz de tomar jamais nada alheio, honorável e digno de toda honra, descubra, de forma insólita, uma série de “eus” ladrões habitando nas zonas mais profundas de sua própria psique, é algo espantoso, mas não impossível.

Que uma magnífica esposa, cheia de grandes virtudes, ou uma donzela de grande espiritualidade e educação magnífica, mediante o sentido de auto-observação psicológica descubra, de forma inusitada, que em sua psique íntima vive um grupo de “eus” prostitutas, resulta nauseabundo e até inaceitável para o centro intelectual ou o sentido moral de qualquer cidadão judicioso; mas tudo isso é possível dentro do terreno exato da auto-observação psicológica.

COMPREENSÃO CRIADORA

O ser e o saber devem equilibrar-se mutuamente a fim de estabelecer, em nossa psique, a labareda da compreensão.

Quando o saber é maior do que o ser origina confusão intelectual de toda espécie.

Se o ser é maior que o saber, pode dar casos tão graves como o do Santo estúpido.

No terreno da vida prática convém auto-observar-nos, com o propósito de autodescobrir-nos.

É precisamente a vida prática o ginásio psicológico, mediante o qual podemos descobrir nossos defeitos.

Em estado de alerta percepção, alerta novidade, poderemos verificar diretamente que os defeitos escondidos afloram espontaneamente.

É claro que o defeito descoberto deve ser trabalhado conscientemente, com o propósito de separá-lo de nossa psique.

Antes de tudo, não nos devemos identificar com nenhum eu defeito, se é que, em realidade, desejamos eliminá-lo.

Se, parados sobre uma tábua, desejamos levantar esta para colocá-la encostada a uma parede, não seria possível isto se continuássemos parados sobre ela.

Obviamente devemos começar por separar a tábua de nós mesmos, retirando-nos da mesma e, logo, com nossas mãos, levantar a tábua e colocá-la encostada no muro.

Similarmente, não devemos identificar-nos com nenhum agregado psíquico, se é que, na verdade, desejamos separá-lo de nossa psique.

Quando nos identificamos com tal ou qual eu, de fato, o fortificamos, em vez de desintegrá-lo.

Suponhamos que um eu qualquer de luxúria se apodera dos rolos que temos no centro intelectual para projetar, na tela da mente, cenas de lascívia e morbosidade sexual; se nos identificamos com tais quadros passionais, indubitavelmente, aquele eu luxuriosos se fortificará tremendamente.

Mas, se nós, ao invés de identificar-nos com essa entidade, a separamos de nossa psique, considerando-a como um demônio intruso, obviamente terá surgido, em nossa intimidade, a compreensão criadora.

Posteriormente poderíamos dar-nos ao luxo de ajuizar analiticamente a tal agregado com o propósito de fazer-nos plenamente conscientes do mesmo.

O grave das pessoas consiste precisamente na identificação e isto é lamentável.

Se as pessoas conhecessem a doutrina dos muitos; se, de verdade, entendessem que nem sua própria vida lhes pertence, então não cometeriam o erro de identificação.

Cenas de ira, quadros de ciúmes, etc., no terreno da vida prática resultam úteis, quando nos encontramos em constante auto-observação psicológica.

Então comprovamos que nem nossos pensamentos, nem nossos desejos, nem nossas ações nos pertencem.

Inquestionavelmente, múltiplos eus intervêm como intrusos de mau agouro para pôr, em nossa mente, pensamentos; em nosso coração, emoções; em nosso centro motor, ações de qualquer classe.

E lamentável que não sejamos donos de nós mesmos; que diversas entidades psicológicas façam de nós o que lhes vêm na gana.

Desafortunadamente, nem remotamente suspeitamos o que nos sucede e atuamos como simples marionetes controladas por fios invisíveis.

O pior de tudo é que, em vez de lutar por independentizar-nos de todos estes tiranetes secretos, cometemos o erro de vigorizá-los e isto sucede quando nos identificamos.

Qualquer cena de rua, qualquer drama familiar, qualquer briga tola entre cônjuges é devido, indubitavelmente, a tal ou qual eu e isto é algo que jamais devemos ignorar.

A vida prática é o espelho psicológico onde nos podemos ver, a nós mesmos, tal qual somos.

Mas, antes de tudo, devemos compreender a necessidade de nos ver a nós mesmos, a necessidade de mudar radicalmente; só assim teremos ganas de nos observar realmente.

Quem se contenta com o estado em que vive, o néscio, o retardatário, o negligente, não sentirá nunca o desejo de se ver a si mesmo; querer-se-á demasiado e de modo algum estará disposto a revisar sua conduta e seu modo de ser.

De forma clara diremos que em algumas comédias, dramas e tragédias da vida prática intervêm vários eus que é necessário compreender.

Em qualquer cena de ciúmes passionais entram em jogo eus de luxúria, ira, amor próprio, ciúmes, etc., etc., etc., que, posteriormente, deverão ser julgados analiticamente, cada um em separado, a fim de compreendê-los integralmente, com o evidente propósito de desintegrá-los totalmente.

A compreensão resulta muito elástica; por isto, necessitamos penetrar cada vez mais profundamente. O que hoje compreendemos de um modo, amanhã o compreenderemos melhor.

Olhando as coisas deste ângulo, podemos verificar, por nós mesmos, quão úteis são as diversas circunstâncias da vida, quando em verdade as utilizamos como espelho para o autodescobrimento.

De modo algum trataríamos jamais de afirmar que os dramas, comédias e tragédias da vida prática resultam sempre formosos e perfeitos; tal afirmação seria descabida.

No entanto, por absurdas que sejam as diversas situações da existência, resultam maravilhosas como ginásio psicológico.

O trabalho relacionado com a dissolução dos diversos elementos que constituem o mim mesmo, resulta espantosamente difícil.

Entre as cadências do verso, também se esconde o delito. Entre o perfume delicioso dos templos, se esconde o delito.

O delito, às vezes, torna-se tão refinado que se confunde com a santidade; e tão cruel que chega a parecer-se á doçura.

O delito veste-se com a toga do juiz, com a túnica do mestre, com a roupagem do mendigo, com traje do senhor e até com a túnica do Cristo.

Compreensão é fundamental; mas, no trabalho de dissolução dos agregados psíquicos, não é tudo, como veremos no capítulo seguinte.

Resulta urgente, inadiável, fazer-nos conscientes da cada eu para separa-lo de nossa psique, mas isso não é tudo, falta algo mais. (Ver capítulo 15).

A KUNDALINI

Chegamos a um ponto muito espinhoso. Quero referir-me à questão esta da Kundalini, a Serpente Ígnea de Nossos Mágicos Poderes, citada em muitos textos da sabedoria oriental.

Indubitavelmente, a Kundalini tem muita documentação e é algo que bem vale a pena investigar.

Nos textos de alquimia medieval, a Kundalini é o sinal astral do esperma sagrado, STELLA MARIS, a VIRGEM DO MAR, quem guia sabiamente os trabalhadores da Grande Obra.

Entre os Astecas, ela é TONANTZIN; entre os Gregos, A CASTA DIANA; e, no Egito, é ÍSIS, A MÃE DIVINA a quem nenhum mortal levantou o véu.

Não há dúvida alguma de que o cristianismo esotérico jamais deixou de adorar a Divina Mãe Kundalini, obviamente é MARAH, ou melhor diríamos, RAM-IO, MARIA.

O que não especificaram as religiões ortodoxas, pelo menos no que corresponde ao círculo exotérico, ou público, é o aspecto de ÍSIS em sua forma individual humana.

Ostensivelmente, só em secreto se ensinou aos Iniciados que essa Divina Mãe existe individualmente dentro de cada ser humano.

Não é demais esclarecer, de forma enfática, que Deus-Mãe, REA, CIBELES, ADÔNIA, ou como queiramos chamá-la, é uma variante de nosso próprio Ser individual aqui e agora.

Concretizando, diremos que cada um de nós tem sua própria Mãe Divina Particular, individual.

Há tantas Mães no céu, quanto criaturas existentes sobre a face da Terra.

A Kundalini é a energia misteriosa que faz existir o mundo; um aspecto de BRAHAMA.

Em seu aspecto psicológico, manifesto na anatomia oculta do ser humano, A KUNDALINI encontra-se enroscada três vezes e meia dentro de certo centro magnético, localizado no osso coccígeo.

Ali descansa, intumescida como qualquer serpente, a Divina Princesa.

No centro daquele chacra, ou estância, existe um triângulo feminino, ou YONI, onde está estabelecido um LINGAM masculino.

Neste LINGAM atômico ou mágico que representa o poder criador sexual de BRAHAMA, enrosca-se a sublime serpente KUNDALINI.

A Rainha Ígnea, em sua figura de serpente, desperta com o “*secretum secretorum*” de certo artifício alquimista que ensinei claramente em minha obra intitulada “O Mistério do Áureo Florescer”.

Inquestionavelmente, quando esta divina força desperta, ascende vitoriosa pelo canal medular espinhal, para desenvolver, em nós, os poderes que divinizam.

Em seu aspecto transcendental divinal, sublime, a Serpente Sagrada transcendendo ao meramente fisiológico, anatômico, em seu estado étnico é, como já disse, nosso próprio Ser, porém derivado.

Não é meu propósito ensinar neste tratado a técnica para o despertar da Serpente Sagrada.

Só quero pôr certa ênfase ao cru realismo do ego e à urgência interior relacionada com a dissolução de seus diversos elementos inumanos.

A mente, por si mesma, não pode alterar radicalmente nenhum defeito psicológico.

A mente pode rotular qualquer defeito, passá-lo de um nível a outro, escondê-lo de si mesma ou dos demais, desculpá-lo, etc., mas nunca eliminá-lo absolutamente.

Compreensão é uma parte fundamental; porém, não é tudo, necessita-se eliminar.

Defeito observado deve ser analisado e compreendido de forma íntegra antes de se proceder a sua eliminação.

Necessitamos de um poder superior à mente; de um poder capaz de desintegrar atômicamente qualquer eu-defeito que previamente tenhamos descoberto e julgado profundamente.

Afortunadamente, tal poder subjaz profundamente, mais além do corpo, dos afetos e da mente, ainda que tenha seus expoentes concretos no osso do centro coccígeo, com já o explicamos em parágrafos anteriores do presente capítulo.

Depois de haver compreendido integralmente qualquer eu-defeito, devemos submergir em meditação profunda, suplicando, orando, pedindo a nossa Divina Mãe particular, individual, para que desintegre o eu-defeito previamente compreendido.

Esta é a técnica precisa que se requer para a eliminação dos elementos indesejáveis que em nosso interior carregamos.

A Divina Mãe Kundalini tem poder para reduzir a cinzas qualquer agregado psíquico subjetivo, inumano.

Sem esta didática, sem este procedimento, todo esforço para a dissolução do ego resulta infrutífero, inútil, absurdo.

NORMAS INTELECTUAIS

No terreno da vida prática, cada pessoa tem seu critério, sua forma mais ou menos rançosa de pensar e nunca se abre ao novo. Isto é irrefutável, irrefutável, incontrovertível.

A mente do humanoide intelectual está degenerada, deteriorada, em franco estado de involução.

Realmente, o entendimento da humanidade atual é similar a uma velha estrutura mecânica inerte e absurda; incapaz, por si mesma, de qualquer fenômeno de elasticidade autêntica.

Falta ductibilidade na mente; encontra-se enfrascada em múltiplas normas rígidas e extemporâneas.

Cada qual tem seu critério e determinadas normas rígidas dentro das quais aciona e reaciona incessantemente.

O mais grave de toda esta questão é que os milhões de critérios equivalem a milhões de normas putrefatas e absurdas.

Em todo caso, as pessoas nunca se sentem equivocadas; cada cabeça é um mundo e, não há dúvida, que entre tantos recôncavos mentais, existem muitos sofismas de distração e estupidez insuportáveis.

Mas, o critério estreito das multidões nem remotamente suspeita o engarrafamento intelectual em que se encontra.

Estas pessoas modernas, com cérebro de barata, pensam de si mesmas o melhor; presumem-se de liberais, de supergênios; creem que têm critério muito amplo.

Os ignorantes ilustrados resultam ser os mais difíceis; pois, em realidade, falando desta vez em estilo socrático, diremos: “Não somente não sabem, senão que, ademais, ignoram que não sabem.”

Os velhacos do intelecto, aferrados a essas normas antiquadas do passado, processam-se violentamente em virtude de seu próprio engarrafamento e se negam, de forma enfática, a aceitar algo que, de modo algum, possa encaixar dentro de suas normas de aço.

Pensam os sabichões ilustrados que tudo aquilo que, por uma ou outra causa, saia do caminho rígido de seus procedimentos oxidados é absurdo em cem por cento. Assim, deste modo, estas pobres pessoas de critério tão difícil se auto-enganam miseravelmente.

Presumem-se de geniais os pseudo-sapientes desta época, veem, com desdém, àqueles que têm o valor de afastar-se de suas normas carcomidas pelo tempo. O pior de tudo isto é que nem remotamente suspeitam da crua realidade de sua própria torpeza.

A mesquinhez intelectual das mentes rançosas é tal que até se dá ao luxo de exigir demonstrações sobre isso que é real, sobre isso que não é da mente.

Não querem entender as pessoas do entendimento raquítico e intolerante que a experiência do real só advém na ausência do ego.

Inquestionavelmente, de modo algum, seria possível reconhecer, diretamente, os mistérios da vida e da morte, enquanto não se tenha aberto, dentro de nós mesmos, a mente interior.

Não é demais repetir, neste capítulo, que só a Consciência Superlativa do Ser pode conhecer a verdade.

A mente interior só pode funcionar com os dados que lhe aporta a Consciência Cósmica do Ser.

O intelecto subjetivo, com sua dialética raciocinativa, nada pode saber sobre isso que escapa da sua jurisdição.

Já sabemos que os conceitos de conteúdo da dialética raciocinativa, são elaborados com os dados fornecidos pelos sentidos de percepção externa.

Aqueles que se encontram engarrafados dentro de seus procedimentos intelectuais e normas fixas, apresentam sempre resistência a estas idéias revolucionárias.

Só dissolvendo o ego, de forma radical e definitiva, é possível despertar a Consciência e abrir realmente a mente interior.

No entanto, como estas declarações revolucionárias não cabem dentro da lógica formal, nem, tampouco, dentro da lógica dialética, a reação subjetiva das mentes involucionantes opõe resistência violenta.

Querem, estas pobres pessoas do intelecto, meter o oceano dentro de um vaso de cristal; supõem que a universidade pode controlar toda a sabedoria do universo e que todas as leis do cosmos estão obrigadas a se submeter às suas velhas normas acadêmicas.

Nem remotamente suspeitam estes incultos modelos de sabedoria o estado degenerativo em que se encontram.

Às vezes ressaltam tais pessoas, por um momento, quando vêm ao mundo esoterista; mas, logo se apagam, como fogos fátuos, desaparecem do panorama das inquietudes espirituais, traga-os o intelecto e desaparecem de cena para sempre.

A superficialidade do intelecto nunca pode penetrar no fundo legítimo do SER; entretanto, os processos subjetivos do racionalismo podem levar os néscios a qualquer classe de conclusões muito brilhantes, porém absurdas.

O poder formulativo de conceitos lógicos de modo algum implica na experiência autêntica do real.

O jogo conveniente da dialética raciocinativa autofascina o raciocinador, fazendo-o confundir sempre gato por lebre.

A brilhante procissão de idéias ofusca o velhaco do intelecto e lhe dá certa auto-suficiência tão absurda como para rechaçar a tudo isso que não cheira a pó de biblioteca e tinta de universidade.

O “delirium tremens” dos bêbados alcoólicos tem sintomas inconfundíveis; porém, o dos ébrios das teorias se confunde facilmente com a genialidade.

Ao chegar a esta parte de nosso capítulo, diremos que certamente resulta muito difícil saber onde termina o intelectualismo dos velhacos e onde começa a loucura.

Enquanto continuemos engarrafados dentro das normas apodrecidas e rançosas do intelecto, será algo mais que impossível a experiência disso que não é da mente; disso que não é do tempo; disso que é o REAL.

A FACA DA CONSCIÊNCIA

Alguns psicólogos simbolizam a consciência como uma faca, muito capaz de separar-nos do que está pegado a nós e nos extrai a força.

Creem tais psicólogos que a única maneira de escapar ao poder de tal ou qual eu é observa-lo cada vez com mais clareza, com o propósito de compreendê-lo para nos tornarmos conscientes do mesmo.

Pensam essas pessoas que assim nos separamos, eventualmente, deste ou daquele eu, ainda que seja pela espessura do fio de uma faca.

Desta maneira, dizem, o eu separado pela Consciência, parece como uma planta cortada.

Fazer-se consciente de qualquer eu, segundo eles, significa separá-lo de nossa psique e condená-lo à morte.

Inquestionavelmente, tal conceito, aparentemente muito convincente, falha na prática.

O eu que mediante a Faca da Consciência foi cortado de nossa personalidade, expulso de casa como ovelha negra, continua no espaço psicológico, converte-se em demônio tentador; insiste em regressar a casa, não se resigna tão facilmente; de nenhuma maneira quer comer o pão amargo do desterro; busca uma oportunidade e, ao menor descuido da guarda, acomoda-se novamente dentro de nossa psique.

O mais grave é que dentro do eu desterrado encontra-se sempre engarrafada certa porcentagem de Essência, de Consciência.

Todos esses psicólogos que assim pensam, jamais lograram dissolver nenhum de seus eus. Em realidade fracassaram.

Por muito que se tente evadir da questão essa do Kundalini, o problema é muito grave.

Na realidade, “filho ingrato” não progride jamais no trabalho esotérico sobre si mesmo.

Obviamente, “filho ingrato” é todo aquele que despreza a ÍSIS, nossa Divina Mãe Cósmica particular, individual.

Ísis é uma das partes autônomas do nosso próprio SER; porém derivada, a Serpente Ígnea de Nossos Mágicos Poderes, o Kundalini.

Ostensivelmente, só Ísis tem poder absoluto para desintegrar qualquer eu; isto é irrefutável, irrefutável, incontrovertível.

Kundalini é uma palavra composta: “kunda” vem recordar-nos o abominável órgão “kundartiguador”; “lini” é termo atlante que significa fim.

Kundalini quer dizer: fim do abominável órgão Kundartiguador. É, pois, urgente não confundir o Kundalini com o Kundartiguador.

Já dissemos num passado capítulo, que a Serpente Ígnea de Nossos Mágicos Poderes encontra-se enroscada, três vezes e meia, dentro de certo centro magnético localizado no osso coccígeo, base da espinha dorsal.

Quando a serpente sobe, é o Kundalini; quando desce, é o abominável órgão Kundartiguador.

Mediante o “Tantrismo Branco”, a serpente ascende vitoriosa pelo canal medular espinhal, despertando os poderes que divinizam.

Mediante o “Tantrismo Negro”, a serpente se precipita desde o cóccix para os infernos atômicos do homem. Assim é como muitos se convertem em demônios terrivelmente perversos.

Aqueles que cometem o erro de atribuir à serpente ascendente todas as características escuras e tenebrosas da serpente descendente fracassam definitivamente no trabalho sobre si mesmos.

As más conseqüências do abominável órgão Kundartiguador só podem ser aniquiladas com o Kundalini.

Não é demais esclarecer que tais más conseqüências estão cristalizadas no eu pluralizado da Psicologia Revolucionária.

O poder hipnótico da serpente descendente tem a humanidade submergida na inconsciência.

Só a serpente ascendente, por oposição, nos pode despertar. Esta verdade é um axioma da Sabedoria Hermética. Agora compreenderemos melhor a profunda significação da palavra sagrada Kundalini.

A Vontade Consciente está sempre representada pela mulher sagrada, Maria, Isis, que esmaga a cabeça da serpente descendente.

Declaro aqui, francamente sem rodeios, que a dupla corrente de luz, o fogo vivo e astral da terra, foi figurado pela serpente com cabeça de Touro, de Bode ou de Cão nos antigos mistérios.

É a dupla serpente do Caduceu de Mercúrio; é a serpente tentadora do Éden; porém é também, sem a maior dúvida, a serpente de cobre de Moisés entrelaçada no “Tao”, quer dizer, no “Lingam Gerador”.

É o “Bode de Sabbat” e o Bafometo dos Templários Gnósticos; o Hyle do gnosticismo universal; a dupla cauda da serpente que forma as patas do Galo Solar dos Abraxás.

No “lingam negro” embutido no “yoni” metálico, símbolos do Deus SHIVA, a divindade hindu, está a chave secreta para despertar e desenvolver a serpente ascendente, ou Kundalini, sob a condição de não derramar jamais na vida, o “Vaso de Hermes Trismegisto”, o Três Vezes Grande Deus Íbis de Thoth.

Temos falado em entrelinhas para aqueles que saibam entender. Quem tenha entendimento entenda, porque aqui há sabedoria.

Os tântricos negros são diferentes; eles despertam e desenvolvem o abominável órgão Kundartiguador, a serpente tentadora do Éden, quando cometem , em seus ritos, o crime imperdoável de derramar o “vinho sagrado”.

O PAÍS PSICOLÓGICO

Inquestionavelmente, assim como existe o país exterior no qual vivemos, assim também, em nossa intimidade, existe o País Psicológico.

As pessoas não ignoram jamais a cidade ou a comarca onde vivem. Desafortunadamente sucede que desconhecem o lugar psicológico onde se encontram localizadas.

Em dado instante, qualquer um sabe em que bairro ou colônia se encontra; mas, no terreno psicológico não sucede o mesmo. Normalmente, as pessoas nem remotamente suspeitam, em dado momento, o lugar de seu País Psicológico onde se meteram.

Assim como no mundo físico existem colônias de pessoas decentes e cultas, assim também, sucede na comarca psicológica de cada um de nós. Não há dúvida que existem colônias muito elegantes e formosas.

Assim como no mundo físico há colônias ou bairros com ruelas perigosíssimas, cheias de assaltantes, assim também sucede o mesmo na comarca psicológica do nosso interior.

Tudo depende da classe de pessoas que nos acompanhe. Se temos amigos beberrões, iremos parar na cantina; e se estes últimos são calaveira, indubitavelmente nosso destino estará nos prostíbulos.

Dentro de nosso País Psicológico cada qual tem seus acompanhantes, seus eus, estes nos levarão onde nos devem levar de acordo com nossas características psicológicas.

Uma dama virtuosa e honorável, magnífica esposa, de conduta exemplar, vivendo numa formosa mansão no mundo físico, devido a seus eus luxuriosos, poderia estar localizada em antros de prostituição dentro de seu País Psicológico.

Um cavalheiro honorável, de honradez intocável, magnífico cidadão, poderia, dentro de sua comarca psicológica, encontrar-se localizado numa cova de ladrões, devido a seus péssimos acompanhantes, eus do roubo, muito submergidos dentro do inconsciente.

Um anacoreta e penitente, possivelmente um monge azul, vivendo austero dentro de sua cela, em algum monastério, poderia, psicologicamente, encontrar-se localizado numa colônia de assassinos, pistoleiros, assaltantes, drogados, devido, precisamente a eus infraconscientes ou inconscientes, submersos profundamente dentro das cavidades mais difíceis de sua psique.

Por alguma razão nos disseram que há muita virtude nos malvados e que há muita maldade nos virtuosos.

Muitos santos canonizados, contudo, vivem ainda dentro dos antros psicológicos do roubo ou em casas de prostituição.

Isto que estamos afirmando de forma enfática, poderia scandalizar aos falsos beatos, aos pietistas, aos ignorantes ilustrados, aos modelos de sabedoria; porém, jamais aos verdadeiros psicólogos.

Ainda que pareça incrível, entre o incenso da oração também se esconde o delito; entre as cadências do verso também se esconde o delito; sob a cúpula sagrada dos santuários mais divinos o delito se reveste com a túnica da santidade e da palavra sublime.

Nos fundos mais profundos dos santos mais veneráveis, vivem os eus do prostíbulo, do roubo, do homicídio, etc. Acompanhantes infra-humanos escondidos entre as insondáveis profundezas do inconsciente.

Muito sofreram, por tal motivo, os diversos santos da história. Recordemos as tentações de Santo Antônio e todas aquelas abominações contra as quais teve que lutar nosso irmão Francisco de Assis.

No entanto, nem tudo o disseram esses santos e a maior parte dos anacoretas se calou.

Assombra pensar que alguns anacoretas penitentes e santíssimos, vivam nas colônias psicológicas da prostituição e do roubo.

Contudo, são santos e se todavia não descobriam estas coisas espantosas de sua psique, quando as descobram, usarão silícios sobre suas carnes, jejuarão, possivelmente se açoitarão e rogarão à sua divina Mãe Kundalini para que elimine de sua psique esses maus acompanhantes, que nestes antros tenebrosos de seu próprio país psicológico os têm metido.

Muito disseram as diferentes religiões sobre a vida depois a morte e o mais além.

Que não mais se desgastem o cérebro as pobres pessoas sobre o que existe lá do outro lado, mais além do sepulcro.

Inquestionavelmente, depois da morte cada qual continua vivendo na colônia psicológica de sempre.

O ladrão nos antros de ladrões continuará; o luxurioso nas casas de encontro prosseguirá como fantasma de mau agouro; o iracundo, o furioso seguirá vivendo nos becos perigosos do vício e da ira, ali onde também brilha o punhal e soam os tiros das pistolas.

A Essência, em si mesma, é muito formosa. Veio de cima, das estrelas e, desgraçadamente, está metida dentro de todos esses eus que levamos dentro.

Por oposição, a Essência pode retroceder o caminho, regressar ao ponto de partida original, voltar às estrelas; mas, deve libertar-se, primeiro, de seus maus acompanhantes que a meteram nos subúrbios da perdição.

Quando Francisco de Assis e Antônio de Pádua, insígnies mestres cristificados, descobriram dentro de seu interior os eus da perdição, sofreram o indizível e não há dúvida de que, à base de trabalhos conscientes e padecimentos voluntários, lograram reduzir a poeira cósmica todo esse conjunto de elementos inumanos que em seu interior viviam. Inquestionavelmente, esses santos se cristificaram e regressaram ao ponto de partida original, depois de haverem sofrido muito.

Antes de tudo é necessário, é urgente, inadiável que o centro magnético que de forma anormal estabelecemos em nossa falsa personalidade, seja transferido à Essência. Assim poderá o homem completo iniciar sua viagem desde a personalidade até as estrelas, ascendendo de forma didática, progressiva, de grau em grau, pela Montanha do SER.

Enquanto continue o centro magnético estabelecido em nossa personalidade ilusória, viveremos nos antros psicológicos mais abomináveis; ainda que, na vida prática, sejamos magníficos cidadãos.

Cada qual tem um centro magnético que o caracteriza. O comerciante tem o centro magnético no comercio e por isso se desenvolve nos mercados e atrai o que lhe é afim, compradores e mercadorias.

O homem de ciência tem em sua personalidade o centro magnético da ciência e, por isso, ele atrai para si todas coisas da ciência: livros, laboratórios, etc.

O esoterista tem, em si mesmo, o centro magnético do esoterismo; e como esta classe de centro se torna diferente das questões da personalidade, indubitavelmente sucede, por tal motivo, a transferência.

Quando o centro magnético se estabelece na Consciência, quer dizer, na Essência, então se inicia o progresso do homem total às estrelas.

AS DROGAS

O desdobramento psicológico do homem nos permite evidenciar o cru realismo de um nível superior em cada um de nós.

Quando se pôde verificar, por si mesmo e de forma direta, o fato concreto de dois homens em si mesmo, o inferior em nível normal, comum e corrente, o superior numa oitava mais elevada, então tudo muda e procuramos, neste caso, atuar na vida de acordo com os princípios fundamentais que levamos no fundo do nosso SER.

Assim como existe uma vida externa, assim existe também uma vida interna.

O homem exterior não é tudo. O desdobramento psicológico nos ensina a realidade do homem interior.

O homem exterior tem seu modo de ser. É uma coisa com múltiplas atitudes e reações típicas na vida; uma marionete movida por fios invisíveis.

O homem interior é o SER autêntico; processa-se em outras leis muito diferentes; jamais poderia ser convertido num robô.

O homem exterior não dá pontada sem dedal. Sente que lhe pagaram mal, compadece-se de si mesmo, autoconsidera-se demasiado. Se é soldado, aspira ser general; se é trabalhador de uma fábrica, protesta quando não o promovem; quer que seus méritos sejam devidamente reconhecidos, etc.

Ninguém poderia chegar ao nascimento segundo, renascer, como diz o Evangelho do Senhor, enquanto continue vivendo com a psicologia do homem inferior, comum e corrente.

Quando reconhecemos nossa própria nulidade e miséria interior, quando temos a coragem de revisar nossa vida, indubitavelmente vimos a saber, por nós mesmos, que de nenhuma maneira possuímos méritos de nenhuma espécie.

“Bem aventurados os pobres de espírito, porque eles receberão o reino dos céus”

Pobres de espírito, ou indigentes de espírito, são realmente aqueles que reconhecem sua própria nulidade, desvergonha e miséria interior. Essa classe de seres inquestionavelmente recebe iluminação.

“Mais fácil é passar um camelo pelo buraco de uma agulha que um rico entrar no reino dos céus”

É ostensível que a mente enriquecida por tantos méritos, condecorações e medalhas, distinguidas virtudes sociais e complicadas teorias acadêmicas, não é pobre de espírito e, portanto, nunca poderia entrar no reino dos céus.

Para entrar no reino se faz impostergável o tesouro da FÉ. Enquanto não se tenha produzido, em cada um de nós, o desdobramento psicológico, a FÉ resulta algo mais que impossível.

A FÉ é o conhecimento puro, a sabedoria experimental direta do SER.

A Fé foi sempre confundida com vãs crenças. Os gnósticos não devem jamais cair em tão grave erro.

A FÉ é experiência direta do real; vivência magnífica do homem interior; cognição divinal autêntica.

O homem interior ao conhecer, por experiência mística direta, seus próprios mundos internos, é ostensível que conhece também os mundos internos de todas as pessoas que povoam a face da Terra.

Ninguém poderia conhecer os mundos internos do planeta Terra, do sistema solar e da galáxia em que vivemos, se antes não tenha conhecido seus próprios mundos internos. Isto é similar ao suicida que escapa da vida por porta falsa.

As extrapercepções do viciado têm sua raiz particular no abominável órgão Kundartiguador (a serpente tentadora do Éden).

A Consciência, engarrafada entre os múltiplos elementos que constituem o ego, processa-se em virtude de seu próprio engarrafamento.

A consciência egóica advém, pois, em estado comatoso, com alucinações hipnóticas, muito similares às de qualquer sujeito que se achasse sob a influência de tal ou qual droga.

Podemos colocar esta questão da seguinte forma: Alucinações da consciência egóica são iguais às alucinações provocadas pelas drogas.

Obviamente, estes dois tipos de alucinações têm suas causas originais no abominável órgão Kundartiguador. (Ver capítulo 15)

Indubitavelmente, as drogas aniquilam os raios alfa. Então, inquestionavelmente, vem a se perder a conexão intrínseca entre mente e cérebros; isto, de fato, resulta em fracasso total.

O drogado converte o vício em religião e, desviado, pensa experimentar o real sob a influência das drogas, ignorando que as extrapercepções produzidas pela marijuana, o L.S.D., a morfina, os fungos alucinantes, a cocaína, a heroína, o haxixe, pastilhas tranquilizantes, anfetaminas, barbitúricos, etc., etc., etc., são meras alucinações elaboradas pelo abominável órgão Kundartiguador.

Os drogados, involuindo, degenerando no tempo, submergem, por fim, de forma definitiva, dentro dos mundos infernais.

INQUIETUDES

Não há dúvidas que entre o pensar e o sentir existe uma grande diferença. Isto é incontrovertível.

Existe uma grande frieza entre as pessoas. E o frio do que não tem importância, do superficial.

Creem as multidões que importante é o que não é importante; supõem que a última moda, ou o automóvel último modelo, ou a questão esta do salário básico é a única coisa séria.

Chamam se sério a crônica do dia, a aventura amorosa, a vida sedentária, a taça de licor, a corrida de cavalos, a corrida de automóveis, a tourada, o mexerico, a calúnia, etc.

Obviamente, quando o homem comum ou a mulher do salão de beleza, escutam algo sobre esoterismo, como isto não está em seus planos, nem em suas tertúlias, nem em seus prazeres sexuais, respondem com um não-sei-quê de frieza espantosa ou simplesmente retorcem a boca, levantam os ombros e se retiram com indiferença.

Essa apatia psicológica, essa frieza que espanta, tem dois embasamentos. Primeiro, a ignorância mais tremenda. Segundo, a ausência mais absoluta de inquietudes espirituais.

Falta um contato, um choque elétrico. Ninguém o deu na loja, tampouco entre o que se acreditava sério, nem, muito menos, nos prazeres da cama.

Se alguém fosse capaz de dar ao frio imbecil ou à superficial mulherzinha o choque elétrico do momento, o chispaço do coração, alguma reminiscência estranha, um não-sei-quê demasiado íntimo, talvez então tudo seria distinto.

Mas, algo desloca a vizinha secreta ao primeiro pressentimento, o anelo íntimo; possivelmente uma tolice: o formoso chapéu de alguma vitrine ou mostruário; o doce delicioso de um restaurante; o encontro de um amigo que, mais tarde, não tem, para nós, nenhuma importância, etc., etc., etc.

Tolices, necessidades que, não sendo transcendentais, sim, tem força num dado instante, como para apagar a primeira inquietude espiritual, o íntimo anelo, a insignificante chispa de luz, o pressentimento que, sem saber porquê, nos inquietou por um momento.

Se esses que hoje são cadáveres vivos, frios noctívagos de clube, ou simplesmente vendedores de guarda-chuvas nas lojas da rua principal, não tivessem sufocado a primeira inquietude íntima, seriam, neste momento, luminárias do espírito, adeptos da luz, homens autênticos no sentido mais completo da palavra.

O chispaço, o pressentimento, um suspiro misterioso, um não-sei-quê foi sentido alguma vez pelo açougueiro da esquina, pelo engraxate ou pelo doutor de primeira categoria; mas, tudo

foi em vão; as necessidades da personalidade sempre apagam a primeira faísca da luz; depois prossegue o frio da mais espantosa indiferença.

Inquestionavelmente, às pessoas traga-as a lua tarde ou cedo; esta verdade resulta incontrovertível.

Não há ninguém que, na vida, não haja sentido, alguma vez, um pressentimento, uma estranha inquietude; desgraçadamente, qualquer coisa da personalidade, por tola que esta seja, é suficiente como para reduzir a poeira cósmica isso que, no silêncio da noite, nos comoveu por um momento.

A Lua ganha sempre estas batalhas. Ela se alimenta, nutre-se precisamente com nossas próprias debilidades.

A Lua é terrivelmente mecanicista. O humanoide lunar, desprovido por completo de toda inquietude solar, é incoerente e se move no mundo de seus sonhos.

Se alguém fizesse o que ninguém faz, isto é, avivar a íntima inquietude surgida, talvez, no mistério de alguma noite, não há dúvida que, com o tempo, assimilaria a inteligência solar e se converteria, por tal motivo, em homem solar.

Isto é, precisamente, o que o Sol quer. Porém, a estas sombras lunares, tão frias, apáticas e indiferentes, sempre as traga a Lua; depois vem a igualação da morte.

A morte iguala tudo. Qualquer cadáver vivente, desprovido de inquietudes solares, degenera terrivelmente, de forma progressiva, até que a Lua o devora.

O Sol quer criar homens. Está fazendo esse ensaio no laboratório da natureza. Desgraçadamente, tal experimento não lhe tem dado bons resultados; a Lua traga as pessoas.

Sem dúvida, isto que estamos dizendo, não interessa a ninguém, muito menos aos ignorantes ilustrados. Eles se sentem a mamãe dos pintinhos ou o papai do Tarzan.

O Sol depositou dentro das glândulas sexuais do “animal intelectual”, equivocadamente chamado homem, certos germes solares que, convenientemente desenvolvidos, poderiam transformar-nos em homens autênticos.

Contudo, o experimento solar resulta espantosamente difícil, devido, precisamente, ao frio lunar.

As pessoas não querem cooperar com o Sol e, por tal motivo, com o tempo, os germes solares involucionam, degeneram e se perdem lamentavelmente.

A chave-mestra da obra do Sol está na dissolução dos elementos indesejáveis que levamos dentro.

Quando uma raça humana perde todo o interesse pelas ideias solares, o Sol a destrói, porque já não lhe serve para seu experimento.

Como esta raça atual se tornou insuportavelmente lunar, terrivelmente superficial e mecanicista, já não serve para o experimento solar, motivo mais que suficiente pelo qual será destruída.

Para que haja inquietude espiritual contínua, requer-se passar o centro magnético de gravidade à Essência, à Consciência.

Desafortunadamente, as pessoas têm o centro magnético de gravidade na personalidade, no café, no bar, nos negócios de banco, na casa de encontros ou na praça do mercado, etc.

Obviamente, todas estas são as coisas da personalidade e o centro magnético da mesma atrai estas coisas; isto é incontrovertível e qualquer pessoa que tenha sentido comum pode verificá-lo por si mesma e de forma direta.

Desgraçadamente, ao ler tudo isto, os velhacos do intelecto, acostumados a discutir demasiado ou a calar com um orgulho insuportável, preferem jogar o livro com desdém e ler o jornal.

Uns quantos goles de bom café e a crônica do dia resultam magnífico alimento para os mamíferos racionais.

No entanto, eles se sentem muito sérios; indubitavelmente, suas próprias sabichonices os alucinaram e estas coisas do tipo solar, escritas neste livro insolente, molestam-nos demasiado. Não há dúvida de que os olhos boêmios dos homúnculos da razão não se atreveriam a continuar com o estudo desta obra.

MEDITAÇÃO

Na vida, o único importante é a mudança radical, total e definitiva; o demais, francamente, não tem a menor importância.

A meditação resulta fundamental quando, sinceramente, nós queremos tal mudança.

De modo algum desejamos a meditação intranscendente, superficial e vã.

Necessitamos tornar-nos sérios e deixar de lado tantas tolices que abundam por aí no pseudo-esoterismo e pseudo-ocultismo baratos.

Temos que saber ser sérios, temos que saber mudar, se é que na realidade, de verdade, não queremos fracassar no trabalho esotérico.

Quem não sabe meditar, o superficial, o leviano, jamais poderá dissolver o ego; será sempre um lenho impotente no furioso mar da vida.

Defeito descoberto, no terreno da vida prática, deve ser compreendido profundamente através da técnica da meditação.

O material didático para a meditação encontra-se precisamente nos distintos eventos, ou circunstâncias diárias da vida prática. Isto é incontrovertível.

As pessoas sempre protestam contra os eventos desagradáveis; nunca sabem ver a utilidade de tais eventos.

Nós, em vez de protestarmos contra as circunstâncias desagradáveis, devemos extrair das mesmas, mediante a meditação, os elementos úteis para nosso crescimento anímico.

A meditação profunda sobre tal ou qual circunstância agradável ou desagradável nos permite, experimentar em nós mesmos, o sabor, o resultado.

É necessário fazer uma plena diferenciação psicológica entre o que é o “sabor trabalho” e o “sabor vida”.

Em todo o caso, para sentir, em nós mesmos, o sabor trabalho, requer-se inversão total da atitude com que normalmente encaramos as circunstâncias da existência.

Ninguém poderia gostar do sabor trabalho, enquanto cometesse o erro de identificar-se com os diversos eventos.

Certamente, a identificação impede a devida apreciação psicológica dos eventos.

Quando nos identificamos com tal ou qual acontecimento, de modo algum logramos extrair do mesmo os elementos úteis para o auto-descobrimento e crescimento interior da Consciência.

O trabalhador esoterista que regressa à identificação, depois de haver perdido a vigilância, volta a sentir o sabor vida em vez do sabor trabalho.

Isto indica que a atitude psicológica antes invertida, voltou a seu estado de identificação.

Qualquer circunstância desagradável deve ser reconstruída por meio da imaginação consciente, através da técnica da meditação.

A reconstrução de qualquer cena nos permite verificar, por nós mesmos de forma direta, a intervenção de vários eus participantes da mesma.

Exemplos: Uma cena de ciúmes amorosos; nela intervém eus de ira, ciúmes e até ódio.

Compreender cada um destes eus, cada um destes fatores implica, de fato, profunda reflexão, concentração, meditação.

A marcada tendência de culpar os outros é óbice, obstáculo para a compreensão de nossos próprios erros.

Desgraçadamente resulta tarefa muito difícil destruir, em nós, a tendência de culpar os outros.

Em nome da verdade, temos que dizer que nós somos os únicos culpados das diversas circunstâncias desagradáveis da vida.

Os diferentes eventos agradáveis ou desagradáveis existem conosco ou sem nós e se repetem, mecanicamente de forma contínua.

Partindo deste princípio, nenhum problema pode ter uma solução final.

Os problemas são da vida e se houvesse uma solução final, a vida não seria vida, senão morte.

Então pode haver modificação das circunstâncias e dos problemas; mas, nunca deixarão de se repetir e jamais terão uma solução final.

A vida é uma roda que gira mecanicamente, com todas as circunstâncias agradáveis e desagradáveis; sempre recorrente.

Não podemos deter a roda. As circunstâncias boas ou más processam-se sempre mecanicamente. Unicamente podemos mudar nossa atitude ante os eventos da vida.

Conforme aprendamos a extrair o material para a meditação dentre as mesmas circunstâncias da existência, ir-nos-emos nos auto-descobrimo.

Em qualquer circunstância agradável ou desagradável existem diversos eus que devem ser compreendidos integralmente, com a técnica da meditação.

Isto significa que qualquer grupo de eus, intervindo em tal ou qual drama, comédia ou tragédia da vida prática, depois de ter sido compreendido integralmente, deverá ser eliminado mediante o poder da Divina Mãe Kundalini.

À medida que façamos uso do sentido da auto-observação psicológica, este último se irá também desenvolvendo maravilhosamente. Então poderemos perceber os eus durante o trabalho da meditação.

Resulta interessante perceber interiormente não somente os eus antes de haverem sido trabalhados, senão, também, durante todo o trabalho.

Quando estes eus são decapitados e desintegrados, sentimos um grande alívio, uma grande dita.

RETORNO E RECORRÊNCIA

Um homem é o que é sua vida. Se um homem não trabalha sua própria vida, está perdendo o tempo miseravelmente.

Só eliminando os elementos indesejáveis, que em nosso interior carregamos, podemos fazer de nossa vida uma obra mestra.

A morte é o regresso ao princípio da vida, com a possibilidade de repeti-la novamente no cenário de uma nova existência.

As diversas escolas do tipo pseudo-esoterista e pseudo-ocultista sustentem a teoria eterna das vidas sucessivas. Tal conceito está equivocado.

A vida é um filme. Concluída a projeção, enrolamos a fita em seu carretel e a levamos para a eternidade.

O reingresso existe; o retorno existe. Ao voltar a este mundo projetamos sobre o tapete da existência o mesmo filme, a mesma vida.

Podemos suster a tese de existências sucessivas; mas, não de vidas sucessivas, porque o filme é o mesmo.

O ser humano tem uns três por cento de Essência livre e noventa e sete por cento de Essência engarrafada nos eus.

Ao retornar, os três por cento de Essência livre impregna totalmente o ovo fecundado. Inquestionavelmente continuamos na semente de nossos descendentes.

Personalidade é diferente. Não existe nenhum amanhã para a personalidade do morto. Esta última se vai dissolvendo lentamente no panteão ou cemitério.

No recém-nascido só se encontra reincorporada a pequena porcentagem de Essência livre. Isto dá a cada criatura autoconsciência e beleza interior.

Os diversos eus que retornam dão voltas ao redor do recém-nascido; vão e vem livremente por onde quer que seja; querem meter-se dentro da máquina orgânica, mas isto não é possível enquanto não se tenha criado uma nova personalidade.

Convém saber que a personalidade é energética e que se forma com a experiência através do tempo.

Escrito está que a personalidade há de se formar durante os primeiros sete anos da infância e que posteriormente se robustece e se fortifica com todas as experiências da vida prática.

Os eus começam a intervir dentro da máquina orgânica, pouco a pouco, à medida que a nova personalidade se vai criando.

A morte é uma subtração de frações. Terminada a operação matemática, o único que continua são os valores; (isto é, os eus bons e maus, úteis e inúteis, positivos e negativos).

Os valores, na luz astral, se atraem e se repelem entre si, de acordo com as leis da imantação universal.

Nós somos pontos matemáticos no espaço que servimos de veículos a determinadas somas de valores.

Dentro da humana personalidade de cada um de nós existem sempre estes valores que servem de embasamento à Lei de Recorrência.

Tudo volta a ocorrer tal como sucedeu, mais o resultado, ou conseqüência, de nossas ações precedentes.

Como dentro de cada um de nós existem muitos eus de vidas precedentes; podemos afirmar, de forma enfática, que cada um deles é uma pessoa diferente.

Isto nos convida a compreender que dentro de cada um de nós vivem muitíssimas pessoas com diferentes compromissos.

Dentro da personalidade de um ladrão existe um verdadeiro covil de ladrões; dentro da personalidade de um homicida existe todo um clube de assassinos; dentro da personalidade de um luxurioso existe uma casa de encontros; dentro da personalidade de qualquer prostituta, existe todo um prostíbulo, etc.

Cada uma dessas pessoas que dentro de nossa própria personalidade carregamos, tem seus problemas e seus compromissos.

Gente vivendo dentro da gente; pessoas vivendo dentro das pessoas; isto é irrefutável, irrefutável.

O grave de tudo isto é que cada uma destas pessoas, ou eus, que dentro de nós vive, vem de antigas existências e tem determinados compromissos.

O eu que na passada existência teve uma aventura amorosa na idade de trinta anos, na nova existência aguardará tal idade para se manifestar e, chegado o momento, buscará a pessoa de seus sonhos; por-se-á em contato telepático com a mesma e, por fim, virá o reencontro e a repetição da cena.

O eu que na idade de quarenta anos teve um pleito por bens materiais, na nova existência aguardará tal idade para repetir o mesmo acontecimento.

O eu que na idade de vinte e cinco anos brigou com outro homem na cantina ou no bar, aguardará, na nova existência, a nova idade de vinte e cinco anos para buscar seu adversário e repetir a tragédia.

Buscam-se entre si os eus de um e outro sujeito mediante as ondas telepáticas e logo se reencontram para repetir, mecanicamente, o mesmo.

Esta é, realmente, a mecânica da Lei de Recorrência; esta é a tragédia da vida.

Através de milhares de anos os diversos personagens se reencontram para reviver os mesmos dramas, comédias e tragédias.

A humana pessoa não é mais que uma máquina a serviço destes eus com tantos compromissos.

O pior de toda esta questão é que todos estes compromissos das pessoas que levamos em nosso interior, cumprem-se sem que nosso entendimento tenha previamente alguma informação.

Nossa personalidade humana, nesse sentido, parece um carro arrastado por múltiplos cavalos.

Existem vidas de exatíssima repetição; recorrentes existências que nunca se modificam.

De modo algum se poderiam repetir as comédias, dramas e tragédias da vida sobre a tela da existência, se não existissem atores.

Os atores de todas estas cenas são os eus que em nosso interior carregamos e que vêm de antigas existências.

Se desintegramos os eus da ira, as cenas trágicas da violência concluem inevitavelmente.

Se reduzimos a poeira cósmica os agentes secretos da cobiça, os problemas da mesma finalizarão totalmente.

Se aniquilamos os eus da luxúria, as cenas do prostíbulo e da morbosidade finalizam.

Se reduzimos a cinzas os personagens secretos da inveja, os eventos da mesma concluir-se-ão radicalmente.

Se matamos os eus do orgulho, da vaidade, da presunção, da auto-importância, as cenas ridículas destes defeitos finalizarão por falta de atores.

Se eliminamos de nossa psique os fatores da preguiça, da inércia e da indolência, as horripilantes cenas desta classe de defeitos não se poderão repetir por falta de atores.

Se pulverizamos os eus asquerosos da gula e da glotonaria, finalizarão os banquetes, as bebedeiras, etc., por falta de atores.

Como estes múltiplos eus se processam, lamentavelmente, nos diferentes níveis do Ser, faz-se necessário conhecer suas causas, sua origem e os procedimentos crísticos que finalmente haverão de conduzir-nos à morte do mim mesmo e à liberação final.

Estudar o Cristo Íntimo, estudar o esoterismo crístico é básico, quando se trata de provocar, em nós, uma mudança radical e definitiva; isto é o que estudaremos nos próximos capítulos.

O CRISTO ÍNTIMO

Cristo é o Fogo do Fogo, a Chama da Chama, a Assinatura Astral do Fogo.

Sobre a cruz do Mártir do Calvário está definido o Mistério do Cristo com uma só palavra que consta de quatro letras: INRI – *Ignis Natura Renovatur Integram* – ”O Fogo Renova Incessantemente a Natureza.”

O advento do Cristo, no coração do homem, nos transforma radicalmente.

Cristo é o LOGOS SOLAR, Unidade Múltipla Perfeita. Cristo é a vida que palpita no universo inteiro, é o que é, o que sempre foi e o que sempre será.

Muito se falou sobre o Drama Cósmico. Inquestionavelmente, este drama é formado pelos quatro Evangelhos.

Foi nos dito que o Drama Cósmico foi trazido pelos Eloim à Terra. O Grande Senhor da Atlântida representou esse drama em carne e osso.

O Grande Kabir JESUS também teve que representar o mesmo drama, publicamente, na Terra Santa.

Ainda que o Cristo nasça mil vezes em Belém, de nada serve se não nasce em nosso coração também.

Ainda que houvesse morrido e ressuscitado ao terceiro dia, dentre os mortos, de nada serve isso se não morre e ressuscita em nós também.

Tratar de descobrir a natureza e a essência do fogo é tratar de descobrir a Deus, cuja presença real sempre se revelou sob a aparência ígnea.

A sarça ardente (Êxodo, III, 2) e o incêndio do Sinai, a raiz do outorgamento do Decálogo (Êxodo, XIX, 18), são duas manifestações pelas quais Deus aparece a Moisés.

Sob a figura de um ser de Jaspe e Sardônico da cor da chama, sentado num trono incandescente e fulgurante, São João descreve o dono do universo (Apocalipse, IV, 3, 5). “Nosso Deus é um Fogo Devorador”, escreve São Paulo em sua “Epistola aos Hebreus”.

O Cristo Íntimo, o Fogo Celestial deve nascer em nós e nasce, em realidade, quando avançamos bastante no trabalho psicológico.

O Cristo Íntimo deve eliminar de nossa natureza psicológica as próprias causas do erro: os eu-causa.

Não seria possível a dissolução das causas do ego, enquanto o Cristo Íntimo não tenha nascido em nós.

O Fogo Vivente e Filosofal, o Cristo Íntimo, é o Fogo do Fogo, o Puro do Puro.

O Fogo nos envolve e nos banha por todas as partes. Vem a nós pelo ar, pela água e pela própria terra que são seus conservadores e seus diversos veículos.

O Fogo Celestial deve cristalizar, em nós, é o Cristo Íntimo, nosso Salvador interior profundo.

O Senhor Íntimo deve encarregar-se de toda nossa psique, dos cinco cilindros da máquina orgânica, de todos os nossos processos mentais, emocionais, motores, instintivos, sexuais.

TRABALHO CRÍSTICO

O Cristo Íntimo surge, interiormente, no trabalho relacionado com a dissolução do eu psicológico.

Obviamente, o Cristo Interior só advém no momento culminante de nossos esforços intencionais e padecimentos voluntários.

O advento do Fogo Crístico é o acontecimento mais importante de nossa própria vida.

O Cristo Íntimo se encarrega, então, de todos os nossos processos mentais, emocionais, motores, instintivos e sexuais.

Inquestionavelmente, o Cristo Íntimo é nosso Salvador interior profundo.

Ele, sendo perfeito, ao meter-se em nós, pareceria como imperfeito; sendo casto, pareceria como se não o fosse; sendo justo, pareceria como se não o fosse.

Isto é semelhante aos distintos reflexos da luz. Se usamos óculos azuis tudo nos parecerá azul e se os usamos de cor vermelha veremos todas as coisas desta cor.

Ele, ainda que seja branco, visto de fora, cada qual o verá através do cristal psicológico com que o olha; por isso é que as pessoas vendo-o, não veem.

Ao carregar-se de todos os nossos processos psicológicos, o Senhor da Perfeição sofre o indizível.

Convertido em homem entre os homens, há de passar por muitas provas e suportar tentações indizíveis.

A tentação é fogo, o triunfo sobre a tentação é luz.

O iniciado deve aprender a viver perigosamente; assim está escrito. Isto o sabe os alquimistas.

O iniciado deve percorrer com firmeza a Senda do Fio da Navalha; de um e outro lado do difícil caminho existem abismos espantosos.

Na difícil senda da dissolução do ego, existem complexos caminhos que têm sua raiz precisamente no caminho real.

Obviamente, da Senda do Fio da Navalha se desprendem múltiplas sendas que não conduzem a nenhuma parte. Algumas delas nos levam ao abismo e ao desespero.

Existem sendas que nos poderiam converter em majestades de tais ou quais zonas do universo, porém, que de nenhum modo nos trariam de regresso ao seio do eterno Pai Cósmico Comum.

Existem sendas fascinantes, de santíssimas aparências, inefáveis. Desafortunadamente, só nos podem conduzir à involução submersa dos mundos infernos.

No trabalho da dissolução do eu, necessitamos entregar-nos, por completo, ao Cristo Interior.

Às vezes aparecem problemas de difícil solução. De repente o caminho se perde em labirintos inexplicáveis e não se sabe por onde continua. Só a obediência absoluta ao Cristo Interior e ao Pai que está em secreto, pode, em tais casos, orientar-nos sabiamente.

A Senda do Fio da Navalha está cheia de perigos por dentro e por fora.

A moral convencional de nada serve. A moral é escrava dos costumes, da época, do lugar.

O que foi moral em épocas passadas agora resulta imoral; o que foi moral na Idade Média, por estes tempos modernos pode resultar imoral. O que num país é moral em outro país é imoral, etc.

No trabalho da dissolução do ego sucede que, às vezes, quando pensamos que vamos muito bem, resulta que vamos muito mal.

As mudanças são indispensáveis durante o avanço esotérico; mas, as pessoas reacionárias permanecem engarrafadas no passado, petrificam-se no tempo e trovejam e relampejam contra nós, à medida que realizamos avanços psicológicos profundos e mudanças radicais.

As pessoas não resistem às mudanças do Iniciado; querem que este continue petrificado em múltiplos ontens.

Qualquer mudança que o Iniciado realizar é classificada, de imediato, como imoral.

Olhando as coisas deste ângulo, à luz do trabalho crístico, podemos evidenciar, claramente, a ineficácia dos diversos códigos de moral que no mundo foram escritos.

Inquestionavelmente, o Cristo manifesto e não obstante, oculto no coração do homem real, ao carregar-se de nossos diversos estados psicológicos, sendo desconhecido para as pessoas é, de fato, qualificado como cruel, imoral e perverso.

Resulta paradoxal que as pessoas adorem o Cristo e, no entanto, lhe coloquem tão horripilantes qualificativos.

Obviamente, as pessoas inconscientes e adormecidas só querem o Cristo histórico, antropomórfico, de estátuas e dogmas inquebrantáveis, ao qual podem acomodar facilmente todos os seus códigos de moral torpes e rançosos e todos os seus pré-julgamentos e condições.

As pessoas não podem conceber jamais o Cristo Íntimo no coração do homem. As multidões só adoram o Cristo estátua e isso é tudo.

Quando se fala às multidões, quando se lhes declara o cru realismo do Cristo Revolucionário, do Cristo Vermelho, do Cristo Rebelde, de imediato recebe qualificativos como os seguintes: blasfemo, herege, malvado, profanador, sacrílego, etc.

Assim são as multidões; sempre inconscientes, sempre adormecidas. Agora compreendemos porque o Cristo crucificado no Gólgota exclama com todas as forças de sua alma: “Meu pai, perdoa-os porque não sabem o que fazem!”

O Cristo, em si mesmo, sendo um, aparece como muitos. Por isso se disse que é Unidade Múltipla Perfeita. Ao que sabe a palavra dá poder; ninguém a pronunciou, ninguém a pronunciará, senão somente aquele que O TEM ENCARNADO.

Encarná-lo é o fundamental no trabalho avançado da morte do eu pluralizado.

O Senhor da Perfeição trabalha em nós, à medida que nos esforçamos conscientemente no trabalho sobre nós mesmos.

Resulta espantosamente doloroso o trabalho que o Cristo Íntimo tem que realizar dentro de nossa própria psique.

É verdade que nosso Mestre Interior deve viver toda sua *Via Crucis* no fundo mesmo de nossa própria alma.

Está escrito: “A Deus rogando e com o malho dando.” Também está escrito: “Ajuda-te que te ajudarei.”

Suplicar à Divina Mãe Kundalini é fundamental, quando se trata de dissolver agregados psíquicos indesejáveis. Entretanto, o Cristo Intimo, nos recônditos mais profundos do mim mesmo, opera sabiamente, de acordo com as próprias responsabilidades que ELE coloca sobre seus ombros.

O DIFÍCIL CAMINHO

Inquestionavelmente existe um lado obscuro de nós mesmos que não conhecemos, ou não aceitamos. Devemos levar a luz da Consciência a esse lado tenebroso de nós mesmos.

Todo o objetivo de nossos estudos gnósticos é fazer com que o conhecimento de nós mesmos se torne mais consciente.

Quando temos muitas coisas, em nós mesmos, que não conhecemos, nem aceitamos, então tais coisas nos complicam a vida espantosamente e provocam, na verdade, toda sorte de situações que poderiam ser evitadas mediante o conhecimento de si.

O pior de tudo isto é que projetamos esse lado desconhecido e inconsciente de nós mesmos em outras pessoas e então o vemos nelas.

Por exemplo, vemo-las como se fossem embusteiras, infiéis, mesquinhas, etc., em relação com o que carregamos em nosso interior.

A Gnose diz, sobre este particular, que vivemos numa parte muito pequena de nós mesmos. Significa isso que nossa Consciência se estende só a uma parte muito reduzida de nós mesmos.

A idéia do trabalho esotérico gnóstico é a de ampliar claramente nossa própria Consciência.

Indubitavelmente, enquanto não estejamos bem relacionados conosco mesmos, tampouco estaremos bem relacionados com os demais e o resultado será conflitos de toda a espécie.

É indispensável chegar a ser muitíssimo mais consciente para consigo mesmo, mediante uma direta observação de si.

Uma regra gnóstica geral no trabalho esotérico gnóstico é que, quando não nos entendemos com alguma pessoa, podemos ter a segurança de que esta é a própria coisa contra a qual é preciso trabalhar sobre nós mesmos.

O que se critica tanto nos outros é algo que descansa no lado obscuro de nós mesmos, e que não se conhece, nem se quer reconhecer.

Quando estamos em tal condição, o lado obscuro de nós mesmos é muito grande; porém, quando a luz da observação de si ilumina esse lado obscuro, a Consciência acresce mediante o conhecimento de si.

Esta é a senda do Fio da Navalha, mais amarga que o fel. Muitos a iniciam, muito raros são os que chegam à meta.

Assim como a Lua tem um lado oculto que não se vê, um lado desconhecido, assim também sucede com a lua psicológica que carregamos em nosso interior.

Obviamente, tal lua psicológica está formada pelo ego, o eu, o mim mesmo, o si mesmo.

Nesta lua psicológica carregamos elementos inumanos que espantam, que horrorizam e que de modo algum aceitaríamos ter.

Cruel caminho é este da AUTO-REALIZAÇÃO ÍNTIMA DO SER. Quantos precipícios! Que passos tão difíceis! Que labirintos tão horríveis!...

Às vezes, o caminho interior, depois de muitas voltas e reviravoltas, subidas horripilantes e perigosíssimas descidas, se perde em desertos de areia, não se sabe por onde segue e nem um raio de luz o ilumina.

Senda cheia de perigos por dentro e por fora. Caminho de mistérios indizíveis onde só sopra um hálito de morte.

Neste caminho interior, quando um crê que vai muito bem, em realidade vai muito mal.

Neste caminho interior, quando um crê que vai muito mal, sucede que marcha muito bem.

Neste caminho secreto existem instantes em que já nem sabemos que é o bem, nem que é o mal.

O que normalmente se proíbe, às vezes resulta que é o justo. Assim é o caminho interior.

Todos os códigos morais, no caminho interior, ficam sobrando. Uma bela máxima ou um formoso preceito moral, em determinados momentos pode converter-se num obstáculo muito sério para a Auto-Realização Íntima do Ser.

Afortunadamente, o Cristo Íntimo, desde o próprio fundo de nosso Ser, trabalha intensivamente, sofre, chora, desintegra elementos perigosíssimos que em nosso interior levamos.

O Cristo nasce como um menino no coração do homem; porém, à medida que vai eliminando os elementos indesejáveis que levamos dentro, vai crescendo, pouco a pouco, até se converter num Homem Completo.

OS TRÊS TRAIADORES

No trabalho interior profundo, dentro do terreno da estrita auto-observação psicológica, temos de vivenciar, de forma direta, todo o drama cósmico.

O Cristo Íntimo eliminará todos os elementos indesejáveis que em nosso interior carregamos

Os múltiplos agregados psíquicos, em nossas profundidades psicológicas, gritam, pedindo crucificação para o Senhor Interior.

Inquestionavelmente, cada um de nós leva em sua psique os três traidores.

Judas, o demônio do desejo. Pilatos, o demônio da mente. Caifás, o demônio da má vontade (vontade perversa).

Estes três traidores crucificam o Senhor das Perfeições, no fundo mesmo de nossa alma.

Trata-se de três tipos específicos de elementos inumanos fundamentais no drama cósmico.

Indubitavelmente, o citado drama foi vivido sempre secretamente, nas profundidades da Consciência Superlativa do Ser.

Não é, pois, o drama cósmico, propriedade exclusiva do Grande Kabir Jesus, como supõem sempre os ignorantes ilustrados.

Os iniciados de todas as idades, os mestres de todos os séculos tiveram que viver o drama cósmico dentro de si mesmos, aqui e agora.

Entretanto, Jesus, o Grande Kabir, teve a coragem de representar tal drama íntimo publicamente, na rua e à luz do dia, para abrir o sentido da Iniciação a todos os seres humanos, sem distinção de raça, sexo, casta ou cor.

É maravilhoso que haja alguém que, de forma pública, tivesse ensinado o drama íntimo a todos os povos da terra.

O Cristo Íntimo, não sendo luxuriosos, tem que eliminar de si mesmo os elementos psicológicos da luxúria.

O Cristo Íntimo, sendo em si mesmo paz e amor, deve eliminar de si mesmo os elementos indesejáveis da ira.

O Cristo Íntimo, não sendo cobiçosos, deve eliminar de si mesmo os elementos indesejáveis da cobiça.

O Cristo Íntimo, não sendo invejosos, deve eliminar de si mesmo os agregados psíquicos da inveja.

O Cristo Íntimo, sendo humildade perfeita, modéstia infinita, simplicidade absoluta, deve eliminar de si mesmo os asquerosos elementos do orgulho, da vaidade, da presunção.

O Cristo Íntimo, a Palavra, o Logos Criador, vivendo sempre em constante atividade, tem que eliminar, em nosso interior, em si mesmos e por si mesmo, os elementos indesejáveis da inércia, da preguiça, do estancamento.

O Senhor de perfeição, acostumado a todos os jejuns, de têmpera, jamais amigo das bebedeiras e dos grandes banquetes, tem que eliminar de si mesmo os abomináveis elementos da gula.

Estranha simbiose e do Cristo Jesus, o Cristo Homem; rara mescla do Divino e do Humano; do perfeito e do imperfeito; prova sempre constante para o Logos.

O mais interessante de tudo isto é que o Cristo Secreto é um triunfador; alguém que vence constantemente as trevas; alguém que elimina as trevas dentro de si mesmo aqui e agora.

O Cristo Secreto é o Senhor da Grande Rebelião, rechaçado pelos sacerdotes, pelos anciãos e pelos escribas do templo.

Os sacerdotes o odeiam; quer dizer, não o compreendem. Querem que o Senhor de Perfeição viva exclusivamente no tempo, de acordo com seus dogmas inquebrantáveis.

Os anciãos, quer dizer, os moradores da Terra, os bons donos de casa, as pessoas judiciosas, as pessoas de experiência, aborrecem o Logos, o Cristo Vermelho, o Cristo da Grande Rebelião, porque este sai do mundo de seus hábitos e costumes antiquados, reacionários e petrificados em muitos ontens.

Os escribas do templo, os velhacos do intelecto aborrecem o Cristo Íntimo, porque este é a antítese do Anticristo, o inimigo declarado de toda essa podridão de teorias universitárias que tanto abunda nos mercados de corpos e almas.

Os três traidores odeiam mortalmente o Cristo Secreto e o conduzem à morte dentro de nós mesmos e em nosso próprio espaço psicológico.

Judas, o demônio do desejo, troca sempre o Senhor por trinta moedas de prata; quer dizer, por licores, dinheiro, fama, vaidades, fornicações, adultérios, etc.

Pilatos, o demônio da mente, sempre lava as mãos; sempre se declara inocente, nunca tem culpa. Constantemente se justifica ante si mesmo e ante os demais; busca evasivas, escapatórias para iludir suas próprias responsabilidades, etc.

Caifás, o demônio da má vontade, trai incessantemente o Senhor dentro de nós mesmos. O Adorável Íntimo lhe dá o báculo para pastorear suas ovelhas; no entanto, o cínico traidor converte o altar em leito de prazeres; fornicava incessantemente, adultera, vende os sacramentos, etc.

Estes três traidores fazem sofrer, secretamente, o Adorável Senhor Íntimo, sem compaixão alguma.

Pilatos faz com que ponham a coroa de espinhos sobre suas têmporas. Os malvados eus o flagelam, insultam-no e o maldizem, no espaço psicológico íntimo, sem piedade de nenhuma espécie.

OS EUS-CAUSA

Os múltiplos elementos subjetivos que constituem o ego têm raízes causais.

Os Eus-Causa estão vinculados às leis e causa e efeito. Obviamente, não pode existir causa sem efeito, nem efeito sem causa. Isto é inquestionável, indubitável.

Seria inconcebível a eliminação dos diversos elementos inumanos que em nosso interior carregamos, se não eliminássemos, radicalmente, as causas intrínsecas de nossos defeitos psicológicos.

Obviamente, os Eus-Causa acham-se intimamente associados a determinadas dívidas cármicas.

Só o arrependimento mais profundo e os respectivos negócios com os Senhores da Lei podem dar-nos a dita de lograr a desintegração de todos esse elementos causais que de uma ou outra forma nos podem conduzir à eliminação definitiva dos elementos indesejáveis.

As causas intrínsecas de nossos erros certamente podem ser erradicadas de nós mesmos, graças aos eficientes trabalhos do Cristo Intimo.

Obviamente, os Eus-Causa soem ter complexidades espantosamente difíceis.

Exemplo: Um estudante esoterista poderia ser defraudado por seu instrutor e, em consequência, tal neófito tornar-se-ia céptico. Neste caso concreto, o Eu-Causa que originou tal erro só poderia ser desintegrado mediante o supremo arrependimento íntimo e com negociações esotéricas muito especiais.

O Cristo Íntimo, dentro de nós mesmos, trabalha intensivamente, eliminando, à base de trabalhos conscientes e padecimentos voluntários, todas essas causas secretas de nossos erros.

O Senhor de Perfeição deve viver, em nossas íntimas profundidades, todo o drama cósmico.

Assombramo-nos ao contemplar, no mundo causal, todas as torturas pelas quais passa o Senhor de Perfeições.

No mundo causal, o Cristo Secreto passa por todas as amarguras indizíveis de sua Via-Crucis.

Indubitavelmente, Pilatos lava as mãos e se justifica; porém, no final, condena o Adorável à morte na cruz.

Resulta extraordinário para o iniciado vidente, o Ascenso ao Calvário.

Indubitavelmente, a Consciência solar integrada com o Cristo Íntimo, crucificada na cruz majestosa do Calvário, pronuncia frases terríveis que aos seres humanos não lhes é dado compreender.

A frase final: “Meu pai, em tuas mãos encomendo meu espírito”, vai seguida de raios e trovões e grandes cataclismos.

Posteriormente, o Cristo Íntimo, depois de despregado da cruz é depositado em seu Santo Sepulcro.

Mediante a morte, o Cristo Íntimo mata a morte. Muito mais tarde, no tempo, o Cristo Íntimo deve ressuscitar em nós.

Inquestionavelmente, a ressurreição crística vem a transformar-nos radicalmente.

Qualquer Mestre Ressurrecto possui poderes extraordinários sobre o fogo, o ar, as águas e a terra.

Indubitavelmente, os Mestres Ressurrectos adquirem a imortalidade, não somente psicológica, como também corporal.

Jesus, o Grande Kabir, ainda vive com o mesmo corpo físico que teve na Terra Santa. O Conde Saint Germain que transmutara o chumbo em ouro e fazia diamantes da melhor qualidade, durante os séculos XV, XVI, XVII, XVIII, etc., etc., etc., ainda vive todavia.

O enigmático e poderoso Conde Cagliostro que tanto assombrara a Europa com seus poderes durante os séculos XVI, XVII e XVIII, é um Mestre Ressurrecto e, todavia, conserva seu mesmo corpo físico.

O SUPER-HOMEM

Um códice de Anahuac disse: “Os deuses criaram os homens de madeira e, depois de havê-los criado, fusionaram-nos com a divindade”, mas, logo acrescentou: “Nem todos os homens logram integrar-se com a divindade.”

Inquestionavelmente, o primeiro que se necessita é criar o Homem antes de poder integra-lo com o Real.

O “animal intelectual”, equivocadamente chamado homem, de modo algum é o Homem.

Se compararmos o Homem com o “animal intelectual” poderemos então verificar, por nós mesmos, o fato concreto de que o “animal intelectual”, ainda que fisicamente se pareça ao Homem, psicologicamente é absolutamente distinto.

Desafortunadamente, todos pensam erroneamente; supõem ser Homens, qualificam-se de tais.

Sempre acreditamos que o homem é o rei da criação. O “animal intelectual” até a presente data não demonstrou sequer ser rei de si mesmo. Se não é rei de seus próprios processos psicológicos, se não pode dirigi-los à vontade, muito menos poderá governar a natureza.

De modo algum poderíamos aceitar o Homem convertido em escravo, incapaz de governar-se a si mesmo e convertido em juguete das forças bestiais da natureza.

Ou se é rei do universo, ou não se é. No último destes casos inquestionavelmente fica demonstrado o fato concreto de não haver chegado, ainda, ao estado de Homem.

Dentro das glândulas sexuais do “animal intelectual”, o Sol depositou os germes para o Homem.

Obviamente, tais germes podem desenvolver-se ou perder-se definitivamente.

Se queremos que tais germes se desenvolvam, faz-se indispensável cooperar com o esforço que o Sol está fazendo para criar Homens.

O Homem legítimo deve trabalhar intensamente com o propósito evidente de eliminar de si mesmo os elementos indesejáveis que em nosso interior carregamos.

Se o Homem real não eliminasse de si mesmo tais elementos, fracassaria lamentavelmente. Converter-se-ia num aborto da Mãe Cósmica, num fracasso.

O Homem que verdadeiramente trabalhe sobre si mesmo com o propósito evidente de despertar Consciência, poderá integrar-se com o divinal.

Ostensivelmente, o Homem Solar, integrado com a divindade, converte-se, de fato e por direito próprio, em Super-Homem.

Não é tão fácil chegar ao Super-Homem. Indubitavelmente, o caminho que conduz ao Super-Homem está mais além do bem e do mal.

Uma coisa é boa quando nos convém; e má, quando não nos convém. Entre as cadências do verso também se esconde o delito. Há muita virtude no malvado e muita maldade no virtuoso.

O caminho que conduz ao Super-Homem é a Senda do Fio da Navalha. Esta senda está cheia de perigos por dentro e por fora.

O mal é perigoso. O bem também é perigoso. O espantoso caminho está mais além do bem e do mal; é terrivelmente cruel.

Qualquer código de moral pode deter-nos na marcha até o Super-Homem. O apego a tais ou quais ontens, a tais ou quais cenas, pode deter-nos no caminho que chega até o Super-Homem.

As normas, os procedimentos, por muito sábios que sejam, se se encontram enfrascadas em tal ou qual fanatismo, em tal ou qual prejulgamento, em tal ou qual conceito, pode obstaculizar-nos no avanço até o Super-Homem.

O Super-Homem conhece o bem do mal e o mal do bem, empunha a espada da justiça cósmica e está mais além do bem e do mal.

O Super-Homem, havendo liquidado, em si mesmo, todos os valores bons e maus, converteu-se em algo que ninguém entende; é o raio, é a chama do Espírito Universal de Vida, resplandecendo no rosto de um Moisés.

Em cada tenda do caminho algum anacoreta oferece suas dádivas ao Super-Homem; mas, este continua seu caminho mais além das boas intenções dos anacoretas.

O que disseram as pessoas sob o pórtico sagrado dos templos tem muita beleza; porém, o Super-Homem está mais além dos ditados piedosos das pessoas.

O Super-Homem é o raio e sua palavra é o trovão que desintegra os poderes do bem e do mal.

O Super-Homem resplandece nas trevas; mas, as trevas odeiam o Super-Homem.

As multidões qualificam o Super-Homem de perverso, pelo fato mesmo que cabe dentro dos dogmas indiscutíveis, nem dentro das frases piedosas, nem dentro da sã moral dos homens sérios.

As pessoas aborrecem o Super-Homem e o crucificam entre criminosos, porque não o entendem, porque o pré-julgam, olhando-o através da lente psicológica do que se crê santo, ainda que seja malvado.

O Super-Homem é como a centelha que cai sobre os perversos, ou como o brilho de algo que não se entende e que se perde, depois, no mistério...

O Super-Homem não é santo e nem perverso; está mais além da santidade e da perversidade; mas as pessoas o qualificam de santo ou perverso.

O Super-Homem brilha, por um momento, entre as trevas deste mundo e logo desaparece para sempre.

Dentro do SUPER-HOMEM resplandece, abrasadoramente, o Cristo vermelho, o Cristo Revolucionário, o Senhor da Grande Rebelião.

O SANTO GRAAL

O Santo Graal resplandece na noite de todas as idades. Os cavaleiros da Idade Média, na época das cruzadas, buscaram, inutilmente o Santo Graal na Terra Santa, mas não o encontraram.

Quando Abraão, o profeta, voltava da guerra contra os reis de Sodoma e Gomorra, dizem que encontrou a Melquisedec, o Gênio da Terra. Certamente, esse Grande Ser vivia numa fortaleza, localizada, exatamente, naquele lugar, onde mais tarde, se edificou Jerusalém, a cidade querida dos profetas.

Diz a lenda dos séculos, e isto o sabem os divinos e os humanos, que Abraão celebrou a Unção Gnóstica com a repartição do pão e do vinho na presença de Melquisedec.

Não é demais afirmar que então Abrão entregou a Melquisedec os dízimos e primícias, tal como está escrito no Livro da Lei.

Abrão recebeu das mãos de Melquisedec o Santo Graal. Muito mais tarde no tempo, este cálice foi dar no templo de Jerusalém.

Não há dúvida de que a Rainha de Sabá serviu de mediadora para este fato. Ela se apresentou ante o Reis Salomão com o Santo Graal e, depois de submetê-lo a rigorosas provas, fez-lhe a entrega de tão preciosa jóia.

O Grande Kabir Jesus bebeu nesse cálice na cerimônia sagrada da Última Ceia, tal como está escrito nos quatro Evangelhos.

José de Arimatéia encheu o cálice com o sangue que emanava das feridas do Adorável no Monte das Caveiras.

Quando a polícia romana invadiu a morada do citado senador não achou esta preciosa jóia.

O senador romano não só escondeu a tão preciosa jóia, como também, ademais, junto com ela, guardou sob a terra a lança de Longibus com a qual o centurião romano ferira o costado do Senhor.

José de Arimatéia foi encerrado numa horrível prisão, porque não quis entregar o Santo Graal.

Quando o referido senador saiu do cárcere, dirigiu-se para Roma, portando o Santo Graal.

Ao chegar em Roma, José de Arimatéia encontrou Nero em perseguição aos cristãos e se foi pelas margens do Mediterrâneo.

Uma noite, em sonho, apareceu-lhe um anjo e lhe disse: “Este cálice tem um grande poder, porque nele se encontra o sangue do Redentor do Mundo”. José de Arimatéia, obedecendo às ordens do anjo, enterrou o cálice num templo localizado em Montserrat, na Catalunha, Espanha.

Com o tempo, tal cálice fez-se invisível, junto com o templo e parte da montanha.

O Santo Graal é o vaso de Hermes, a taça de Salomão, a urna preciosa de todos os templos de mistérios.

Na Arca da Aliança não faltava nunca o Santo Graal, na forma da taça ou gômor, dentro da qual se encontrava depositado o maná do deserto.

O Santo Graal alegoriza, de forma enfática, o YONI feminino. Dentro desta santa taça está o néctar da imortalidade, o “soma” dos místicos, a suprema bebida dos Deuses Santos.

O Cristo Vermelho bebe do Santo Graal na hora suprema da crucificação; assim está escrito no Evangelho do Senhor.

Nunca falta o Santo Graal no altar do templo. Obviamente, o sacerdote deve beber o vinho da luz na taça santa.

Seria absurdo supor um Templo de Mistérios dentro do qual faltasse a bendita taça de todas as idades.

Isto vem a recordar-nos Ginegra, a Rainha dos Jinas, aquela que a Lancelote servia o vinho nas taças deliciosas de Sukra e de Manti.

Os Deuses imortais alimentam-se com a bebida contida na taça santa: aqueles que odeiam a bendita taça blasfemam contra o Espírito Santo.

O Super-Homen deve alimentar-se com o néctar da imortalidade contido no cálice divinal do templo.

Transmutação da energia criadora é fundamental quando se quer beber no vaso santo.

O Cristo Vermelho, sempre revolucionário, sempre rebelde, sempre heróico, sempre triunfante, brinda pelos Deuses, bebendo no cálice de ouro.

Levantai bem vossa taça e cuidai de não verter nem sequer uma gota do precioso vinho.

Recordai que nosso lema-divisa é “thelema” (vontade).

Do fundo do cálice, simbólica figura do órgão sexual feminino, brotam chamas que resplandecem no rosto incendiado do Super-Homem.

Os Deuses inefáveis de todas as galáxias bebem sempre da bebida da imortalidade no cálice eterno.

O frio lunar produz involuções no tempo. É necessário beber do vinho sagrado da luz no vaso santo da alquimia.

A púrpura dos reis sagrados, a coroa real e o ouro flamígero só é para o Cristo Vermelho.

O Senhor do Raio e do Trovão empunha, em sua destra, o Santo Graal e bebe o vinho de ouro para se alimentar.

Aqueles que derramam o “Vaso de Hermes”, durante a cópula química, de fato se convertem em criaturas infra-humanas do submundo.

Tudo o que aqui escrevemos encontra plena documentação em meu livro intitulado “O Matrimônio Perfeito”.

Publicação gratuita de livre distribuição.